



FL. Nº
Anexo – notas taquigráficas
Proc. nº
CMSP – NOME DA CPI
Nome - RF

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE TRÂNSITO, TRANSPORTE, ATIVIDADE ECONÔMICA,
TURISMO, LAZER E GASTRONOMIA

PRESIDENTE: JOSÉ POLICE NETO

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA
LOCAL: CEU - ANHANGUERA
DATA: 16 DE SETEMBRO DE 2016

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Orador não identificado
- Intervenção, expressão ou palavra ininteligível/inaudível
- Manifestação fora do microfone
- Exibição de imagens

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Deixe eu só dar uma boa noite. Deixe eu prestar alguns esclarecimentos. É importante prestar alguns esclarecimentos do que motivou a reunião.

No mês de junho um pedaço da comunidade esteve na Câmara pedindo uma audiência pública por estarem muito preocupados com o sistema de transporte e os investimentos que seriam feitos ainda neste ano no Morro Doce e no Sol Nascente. Então a Câmara foi procurada, eu sou o Presidente da Comissão de Transporte, e a gente combinou uma reunião em agosto para realizá-la no dia de hoje. A nossa expectativa era realizá-la 15 dias anterior à data de hoje. Não foi possível porque a gente não tinha espaço no CEU. Então o que acontece? A comunidade recebeu uma informação por conta de reuniões que aconteceram no bairro, do investimento que pretende o poder público realizar aqui no setor de transporte, uma qualificação de terminal ou investimentos na área de transporte. Portanto, não foi nem na semana passada, nem na semana retrasada, foi um debate que começou no ano passado, continuou nesse ano e desaguou num pedido na Câmara de realização de uma audiência pública que seria realizada num sábado. O CEU, que é o espaço mais adequado para fazer isso, não tinha disponibilidade, por isso se marcou na data de hoje, nessa sexta-feira, depois do horário de expediente, o que permitiria o maior número de pessoas, porque a nossa tentativa era sábado ou domingo.

É lógico, aconteceu uma fatalidade terrível na quarta-feira, mas em nada ela tem a ver com a convocação para o debate de hoje, que está programado desde de junho e, portanto, nada... Quando falam assim: “Vocês não querem debater segurança”. Lógico que a gente quer debater segurança também. Mas, sim, a gente entende o protesto e topa, inclusive, gastar...

- Manifestações simultâneas. Ininteligível.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Mas eu fui convidado para um café, não é que eu marquei um café. Eu fui convidado para um café...

- Manifestações simultâneas. Ininteligível.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Então o que eu posso combinar com vocês? São duas coisas. Se vocês tiverem o desejo de participarem do debate do transporte, a porta está aberta e a gente debate, se quiser continuar aqui para encerrar do debate de transporte e a gente debater a questão da segurança, que tem responsabilidade do Governo do Estado, tem responsabilidade dos Deputados Estaduais que não estão aqui, tem responsabilidade a Polícia Militar que não está aqui, eu estou à disposição para isso. Aqui a gente vai discutir onde a gente pode colocar a mão e resolver de fato. Quer discutir a segurança? A gente vai discutir também, mas tem que chamar os Deputados Estaduais que não vêm aqui, tem que chamar o Governo do Estado que não vem aqui, tem que chamar um monte de gente que não vem aqui debater com a gente. Tem disposição? Tem. Então para a gente fica o convite para vocês: se quiserem discutir logo depois que a gente terminar a audiência pública convocada, estamos à disposição, mas é importante entender o que nos motiva aqui. Não foi ontem e nem na semana, é algo que vem sendo articulado pela comunidade, que sabe sim que um terminal com qualidade dá segurança, ruas iluminadas dão segurança e para isso a gente está trabalhando.

Então dentro de instantes a gente vai fazer a abertura da audiência pública convocada para esse tema, o tema de transporte na região. Está bom? Em cinco minutos a gente começa a nossa audiência.

- Manifestações simultâneas. Ininteligível.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Pessoal, pedir desculpas a todos. Acho que tem uma explicação muito importante a ser dada. Tanto o Morro Doce, como o Sol Nascente, como Distrito de Perus vive um momento de muita tensão. Na quarta-feira nós tivemos um assassinato dentro do bairro, um mecânico do bairro foi, se não me engano, alvejado por quatro tiros num assalto que aconteceu numa pizzaria e um pouco da reação que a gente viu aqui é resultante disso e aí não adianta a gente tentar enfrentar as pessoas que

razão também têm pela falta de segurança que estamos imersos. Então as pessoa têm o direito e, na minha opinião, o dever de se manifestarem quando julgarem que as coisas não vão bem. A única coisa é que a gente não pode confundir os esforços que estão aqui definidos. O debate do dia de hoje, que também se traduz em um pouco do debate da segurança, é conseguir dar organização ao nosso sistema de transporte público coletivo, a ponto de gerar confiança na população e, com isso, gerar também outras externalidades positivas, para as pessoas se programarem para o horário em que chega o ônibus, terem um terminal com qualidade, com pontos acessíveis. Então, um esforço para dar uma resposta efetiva para algo que a região tem bastante carência.

Sem dúvida, nós temos um enfrentamento objetivo para resolver a questão da segurança. Para isso, não dá para preterir as autoridades estaduais; não dá para preterir o Governador, que é responsável pelo equipamento de segurança, tanto de pessoal quanto de equipamento; não dá para preterir os Deputados Estaduais, que têm intervenção no território; da mesma forma, não dá para preterir a sociedade, que vem se organizando via Conseq para receber respostas.

No dia de hoje, a gente se preparou para outra finalidade. Portanto, quero agradecer todos que vieram para discutir algo absolutamente importante no Morro Doce: o transporte.

Quero agradecer a presença do Salvador Khuriyeh, Diretor de Infraestrutura da SPTrans, meu amigo, a quem tive o prazer de servir na época em que eu era funcionário da Assembleia Legislativa, enquanto ele era Deputado Estadual.

Quero também agradecer aos técnicos da Secretaria Municipal de Transporte da SPTrans: Srs. Edson Ávila, Enio Junior, Pedro Dimasi, Roberto Carlos de Campo, Rosilda Domingues.

A dinâmica do nosso trabalho consiste numa apresentação inicial feita pela SP Trans; depois, abriremos a palavra para consideração dos senhores; depois, haverá um debate

nosso com a SPTrans, e com a participação dos moradores.

Hoje é dia de tirar dúvida, de obtermos as informações precisas do que poderá acontecer no nosso território ainda este ano, e o que está previsto para os próximos anos.

Estamos numa região carente, a região que mais cresce na cidade de São Paulo, o Distrito Anhanguera, portanto, parte da infraestrutura necessária para o nosso território tem de ser discutida.

Este é um dos últimos CEUs que foi entregue pela Administração, no começo de 2009. Portanto, temos a responsabilidade de ampliar a oferta dos serviços sociais, com qualidade.

Não sei quem fará a apresentação, mas quero convidar para compor a Mesa o Sr. Salvador Khuriyeh.

O SR. SALVADOR KHURIYEH – Boa noite. É um prazer estar aqui. Sou Engenheiro e amigo do nobre Vereador Police Neto, e sou Diretor de Infraestrutura da SPTrans. Fomos convidados pela Comissão de Transportes da Câmara Municipal para que possamos falar sobre os planos de transporte para a região. Já fizemos uma reunião no dia 06 de junho, no Centro Anhanguera de Promoção e Educação Social, para tratar desse tema. Naquele momento, trouxemos toda a equipe responsável pelos projetos de transporte. E, hoje, novamente.

A Sra. Rosilda é responsável pelo planejamento de transporte, pode compor a Mesa também; o Sr. Roberto Carlos, que também trabalha no planejamento de transporte; o Enio, que é Arquiteto e gerente da área de projetos; o Evinaldo, responsável pela Diretoria de Operações da SPTrans; e o Edson Ávila, Engenheiro e responsável pela Superintendência de Manutenção de toda infraestrutura física de transportes do Município.

A nossa ideia é fazer uma apresentação bem rápida, para que vocês possam ter uma ideia do que estamos fazendo. Em seguida, abriremos o debate para responder as perguntas.

Estou vendo que o nobre Vereador Toninho Vespoli chegou, então pode compor a Mesa também.

Como falamos, no dia 06, e onde o nobre Vereador Toninho também esteve presente, que essa região, esse conjunto de bairros que constituem essa região da cidade de São Paulo tem algumas características especiais, que acabam trazendo certas dificuldades para a operação do transporte. Primeiro, é uma região distante do Centro da Cidade; segundo, é uma região grande, com muita gente, falamos de 140 mil pessoas. Então é uma cidade. É uma região de relevo alto, de muito morro, enfim, com ruas estreitas, que acabam dificultando o tráfego de veículos de maior porte. É uma área carente de áreas públicas, não existe área disponível para essa finalidade. Então, na verdade, essas são as características que determinaram a base para os nossos estudos de apresentação do projeto de reformulação do transporte público na região.

A primeira coisa que fizemos foi estudar áreas onde poderíamos implantar um terminal. Primeiro, tem que ser uma área grande, e não podemos pegar uma área sem analisar uma série de fatores. Fizemos um amplo estudo, em vários meses, e concluímos que a melhor área para fazer a implantação do terminal é um quarteirão inteiro onde ficam as torres de rádio.

Em função da identificação daquela área, como aquela área não é pública – e foi isso que eu disse -, aquela área não é da Prefeitura...

- Manifestações fora do microfone – inaudível.

R – É isso o que estou dizendo.

- Manifestações fora do microfone – inaudível.

R – Gente, primeiro, estamos falando a mesmíssima coisa. O que estou dizendo é que, quando começamos a estudar, aquela área não era da Prefeitura. Então, houve a necessidade de estudar, indicar e fazer a Declaração de Utilidade Pública – DUP -, para que ela fosse uma área reservada do Município, para que pudéssemos desapropriá-la, ou seja, comprá-la, adquiri-la, para que pudéssemos fazer o projeto do terminal.

Aquela área é grande, de relevo, porque aqui não há uma área plana, e que custa muito caro. Aquela área custa muito caro. Vocês têm noção de quanto custa o metro quadrado

do terreno, aqui, na região e sabemos disso e vocês sabem disso. É simples pegar, mais ou menos, pegar a área total do terreno e multiplicar pelo valor, mais ou menos, do metro quadrado. Aí, vocês perceberão que estamos falando de uma área de terreno avaliada em mais de 20 milhões de reais. Só o valor da área. Mas, tudo bem. Fizemos a DUP e resolvemos uma etapa.

Na medida em que resolvemos a área, escolhemos a área e definimos a DUP, iniciamos o processo de contratação do projeto. E desenvolvemos um projeto de um terminal grande, de um terminal moderno, bonito para o Jardim Britânia. Um terminal que, eu diria para vocês, depois de construído será motivo de orgulho, porque será uma obra bonita. Só que, naturalmente, uma obra desse porte não é projetada da noite para o dia, porque é uma obra complexa, e é uma obra cara para a implantação.

À medida que fizemos o projeto...

- Manifestações fora do microfone – inaudível.

R – Deixe falar uma coisinha para vocês...

- Manifestações fora do microfone – inaudível.

R – Posso pedir permissão para vocês para eu poder falar?

- Manifestações fora do microfone – inaudível.

R – Gente...

- Manifestações fora do microfone – inaudível.

R – Se vocês me permitirem falar, vocês perceberão que não estamos falando nada diferente daquilo que vocês estão falando. Estamos falando para vocês como é o processo, como foi o processo, e eu estou dizendo que a área que vocês definiram, que tinha de ser e que declaramos como de utilidade pública... Estudamos várias áreas para sabermos se era melhor, se havia outras áreas, e fizemos a DUP. Eu estou dizendo para vocês que o projeto está pronto. Eu disse isso.

- Manifestações fora do microfone – inaudível.

R – Eu acabei de dizer para vocês...

- Manifestações fora do microfone – inaudível.

R – Eu acabei de dizer para vocês que fizemos um projeto de um grande terminal, bonito, lindo e que, ao término da construção, vocês terão orgulho do terminal. Eu falei isso. Fizemos o projeto. Agora, eu posso continuar dizendo para vocês? (Pausa)

(NÃO IDENTIFICADO) – Então, vamos lá. Concluído o projeto, chegamos a colocá-lo em licitação para poder construí-lo e vocês viram isso em todos os jornais da Cidade, devem ter ouvido na televisão, nas emissoras de rádio que quando colocamos os projetos, entre eles o do Anhanguera para que a gente pudesse construí-lo, o Tribunal de Contas do Município suspendeu a licitação. Se ele suspendeu a licitação, nós não poderíamos continuar o processo de contratação para poder construir. O Tribunal de Contas apontou as suas razões e interrompeu o processo de contratação.

Nesse período em que foi interrompido pelo Tribunal de Contas, e por isso que estou contando com detalhes para vocês poderem saber exatamente o que aconteceu e em que fase está o problema, recebemos três pedidos de outras três entidades da Prefeitura: para que pudéssemos estudar a possibilidade de refazer o projeto do terminal para reservar um pedaço da área para a construção de uma nova unidade de ensino; um pedido da área da saúde para reservar um pedaço da área para a construção de uma nova unidade de saúde no bairro; e para que pudéssemos reestudar o projeto do terminal para ver se no próprio terminal haveria condições de construir uma unidade da Guarda Civil Metropolitana. Caso aumente, vai ao encontro da discussão sobre a segurança que estamos vivendo na região.

Só que um projeto como fizemos não é um projeto que se faz rapidamente e nem que custe barato. Então, naquele momento em que tínhamos terminado o projeto e começamos o processo de contratação para construir, o Tribunal de Contas suspendeu a construção, nós recebemos o pedido para que fizéssemos alterações no projeto. Naquele momento em que recebemos o pedido para fazer alteração no projeto não tínhamos dinheiro para que pudéssemos reestudar o projeto para saber se nesse mesmo terreno caberia uma área para saúde, para a educação e para a Guarda Metropolitana.

Como aconteceu isso, nós raciocinamos: “Poxa, vai demorar um pouco para podermos construir esse terminal e nós precisamos melhorar o transporte na região do Jardim Britânia. O que a gente pode fazer?” Se fizermos uma adequação do terminal que está lá hoje,

conseguimos um tempo para fazer a melhoria do transporte até termos condições de construir um novo terminal.

Foi ai que fizemos um projeto de adequação do terminal que existe hoje, que é o que vou mostrar rapidamente para vocês.

Na verdade, nada mais é do que construir uma unidade na área da rodovia, porque não temos área e ali é a área da rodovia e o terminal está na área da rua, que já é do Município. Tivemos de pedir autorização para a CCR, chegamos a encaminhar o pedido para a CCR para a gente ter a autorização para ocupar uma parte da área para construir um predinho em que tivesse uma unidade administrativa pequena para serviço e tivesse banheiro público e vestiário e refeitório para os funcionários da área de transporte – motoristas, cobradores, agentes do transporte propriamente dito e um bicicletário também para que o povo que pudesse ir de bicicleta até o terminal pudesse usar.

Além disso, no novo projeto para construir o predinho projetamos a construção de uma nova plataforma. A plataforma que está ali hoje tem 130 metros de extensão. Então, fizemos o projeto de melhoria do terminal, de construção desse predinho e de uma nova plataforma de 130 metros, com isso iríamos dobrar a capacidade do terminal de 130 metros de plataforma para 260 metros de plataforma.

Na medida em que fizéssemos isso, a gente teria condições de reorganizar o transporte da região, redimensionando a frota, o tipo de veículo e as linhas para que pudéssemos melhorar o transporte.

Nós fizemos esse projeto e neste ano de 2016 tínhamos condições, há seis meses, de construir esse predinho, de fazer essa ampliação do terminal. Nós tínhamos condições, programamos isso: desenvolvemos o projeto, consultamos a CCR, iniciamos o processo de aprovação na CCR, porque a área não é nossa e eles precisam nos dar a autorização. Pedimos autorização para outro órgão da Prefeitura, que tem uma espécie de contrato chamado ata de registro de preço, um contrato que podemos contratar para fazer a obra mais

rapidamente. Fomos autorizados a usar a ata de registro de preço, mas na SPTrans o que a gente ouvia dizer era que tinham pessoas que não queriam que fizéssemos a reforma desse terminal, porque tinham medo de que se a fizéssemos correriam o risco de não ter o terminal novo, grande, construído lá na frente.

Eu ouvi isso, eu, fiquei preocupado e falei: “gente, não é possível, eu nunca na minha vida ouvi isso, nunca”. Falei: “eu quero ir lá conversar com o povo, eu quero ir lá conversar com as pessoas para saber se é isso mesmo, porque se eles quiserem, nós temos condições de fazer, se eles não quiserem, paciência.” Vim aqui numa reunião com lideranças da região, estavam o padre, o Vereador Toninho Vespoli e uma série de pessoas. Foi no dia 6 de junho no Centro Anhanguera, a gente fez a mesma explanação que estou fazendo agora - conversamos sentados num salão, todo mundo em roda -, expusemos a mesma coisa e as pessoas que estavam lá decidiram que não queriam que a gente fizesse. Quando as pessoas decidiram que não queriam, eu disse na reunião - eu disse, vocês estão olhando para mim e eu estou olhando para vocês, eu disse – se alguém falar: “não, foi o Fulano lá” não foi, fui eu – “gente, eu estou dizendo para vocês o seguinte: nós temos hoje dinheiro para fazer essa obra que está aqui, nós temos condições de fazer isso aqui agora. Não dá para fazer o terminal grande, porque está suspenso pelo Tribunal, a gente precisa pagar a área que custa muito caro. Para construir um terminal grande vai muito mais dinheiro, não tem dinheiro para fazer isso agora. Vamos fazer isso aqui agora e depois a gente melhora o transporte para vocês imediatamente e a hora que se construir o novo terminal, o que a gente fizer não será perdido. Ele servirá de apoio”. A população decidiu que não e eu disse: “Eu não posso - e vocês imaginam isso – ficar com o dinheiro parado, pois tenho o dinheiro para fazer e já que não vou fazer, vou destinar esse dinheiro para fazer outras obras que o Município precisa”. Então destinamos esses recursos para fazer outras obras que o Município precisa.

Então, qual é a situação que temos hoje? Temos um projeto grande de um terminal grande, bonito, lindo, que custa caro, num terreno que custa mais caro do que o terminal, que tem pedido das próprias unidades da Prefeitura. Eu estava falando agora há pouco, antes de começar com você, como é o seu nome? A Rosa, que estava me dizendo que tem demanda. A gente fala de transporte, surge demanda da educação; fala da educação, surge demanda da saúde; fala da saúde, surge demanda da segurança. Estou dizendo exatamente isso, tivemos demanda para poder fazer, dá para fazer junto com o terminal, do lado do terminal, uma escola

nova? Dá para fazer do lado do terminal, um posto de saúde novo? Dá para fazer um posto novo da GCM? Então, eu falei: estamos numa situação de projetar, de reestudar isso para poder fazer. Até fazer isso, tínhamos condições de fazer essa obra menor, mais rápida para melhorar o transporte e o pessoal decidiu que não. Então, a situação que temos hoje é essa.

Se vocês me permitirem, é bem rápido. Passa para mim *slides*?

- O orador passa a referir-se a imagens na tela de projeção.

O SR. SALVADOR KHURIYEH – Pode passar. Aqui é somente a foto do terminal.

Pode passar. Aqui é como está hoje. Aqui mostra os problemas, os bairros que têm, que vocês conhecem.

Pode passar. Aqui as linhas de ônibus que atendem as duas empresas, Santa Brígida e Transnorte e as linhas que atendem.

Pode passar. A quantidade de ônibus, a frota. Tem também uma caracterização daquilo que eu já falei para vocês no começo, que normalmente o serviço da região não atende os conceitos de transporte quanto ao tipo de operação, dos subsistemas, a operação de linhas estruturais que utilizam veículos de grande capacidade, trafegando no viário dos bairros não apresentam as condições, porque o veículo é grande, a rua é pequena, não tem infraestrutura forte.

Pode passar. A operação das linhas utilizando veículos de pequena capacidade, do tipo mini ônibus, trafegando na rodovia. Vocês vejam que é interessante: no bairro, nas ruas pequenas, estreitas, elevadas, a gente tem ônibus grande; e uma quantidade grande de (inaudível), aumentando a quantidade, o risco, o congestionamento na rodovia, quando veria ser o contrário. Deveria ter grandes ônibus fazendo as grandes ligações, até pela distância da cidade e os ônibus menores dentro, até porque teríamos condições de redistribuir melhor as linhas. Então, o que tem hoje aqui é exatamente o contrário do que deveria ser e a realização do transbordo no terminal, que é o de pegar o pessoal, trazer no terminal, pôr no ônibus maior, levar para a cidade e tal, para melhorar o conforto do pessoal.

Pode passar. Aqui as fotos dos problemas que têm, mostrando o congestionamento, os problemas que há na rodovia, no próprio terminal.

Pode passar. Estamos a 22 quilômetros do centro da cidade. Aqui é a agulha que congestionada e atrasa, enfim.

Pode passar. Aqui o que é a situação atual, como eu falei. A gente tem ônibus pequeno, ônibus grandes das linhas estruturais e as linhas locais, que vão até o centro da

cidade. Vocês estão vendo que aqui tem os vermelhos, que são as concessões.

Pode passar, por favor. O verde era concessão e o vermelho, permissão, e a ideia da gente era: em se fazendo o terminalzinho e o terminalzão também porque não tem sentido fazer um grande investimento num grande terminal, se não for para reorganizar a linha, concordam? Fazer um baita investimento para deixar do jeito que está não tem sentido, tem que reestruturar. Então, ficariam os veículos menores, com trânsito mais local para a gente redistribuir internamente e o tráfego à grande distância, à longa distancia, indo para o centro da cidade com os veículos maiores.

Pode passar. Depois a Rosilda pode falar para vocês, porque é a especialidade dela. A Rosilda está aqui. Então, o que a gente fez? Porque eu falei para vocês, aqui é a rodovia, tudo bem? Ali em cima é a rua. O projeto do terminal, o terminal hoje existente é essa linha que vocês veem aqui, verde, que é a calçada. Aqui é a plataforma, vai lá e tal. Então, qual era a ideia? A ideia era melhorar tudo isso, fazer o alargamento da plataforma, a reforma da cobertura e tudo mais, construir na área da rodovia, que é aquele pátio onde o pessoal para o carro, que é a área mais plana e é a maior área que tem, é a única que tem que dá para fazer, construir esse prédio administrativo que está aqui e construir uma nova plataforma em cima - vocês estão vendo um cinza mais alto aqui – e dobraria o tamanho da plataforma, 130 metros na plataforma que tem hoje, mais uma nova plataforma, coberta, com 130 metros, para que a gente pudesse dobrar a capacidade do terminal.

Pode passar outro. Aqui é o último *slide*, rapidinho, só para vocês verem melhor o que é o predinho administrativo de que falei. Lá era uma planta menor e aqui é uma planta maior, que é o que falei para vocês, não tem luxo, não é grande, nada, uma unidade de armazenamento de material necessário para limpeza. Aqui um depósito de lixo, uma pequena sala para administração, uma parte de refeitório, uma parte de vestiário para funcionários homens e mulheres, uma parte de sanitário público para homens e mulheres, aqui é a entrada e aqui é um bicicletário.

Pode passar. Acho que acabou. Então, gente, era isso que tínhamos projetado, em condições de fazê-lo. Viemos à reunião e o pessoal decidiu que não queria que fizesse e parte das pessoas entendeu o seguinte: “Nós não queremos que se faça a obra, como disse o senhor ali, porque entenderam que se a gente fizesse, isso seria dinheiro público jogado fora. Outra parte da população entendendo que se fosse para a gente fazer isso para reorganizar as linhas, não queriam; queriam que fizéssemos a obra sem reorganizar as linhas. Não tem

sentido a gente discutir a reforma do terminal ou a construção de um novo terminal se não for para reestruturar, reorganizar o sistema de transporte. Não tem sentido, porque a gente vai ter um tremendo terminal bonito, lindo, grande, caro e com um sistema de transporte atendendo mal do mesmo jeito.

Então, essa é a situação. Como prometi a vocês que iria falar rápido e pouco, essa é a situação que vivemos hoje. Então, é isso, Vereador Police, Vereador Vespoli, eu não sei.

Os senhores querem que a Rosilda fale sobre a ideia da reestruturação? Muito obrigado!

A SRA. ROSILDA – Boa noite a todos. Sou superintendente em especificação de serviços, conheço algumas pessoas que estão aqui que já discutiram comigo. Trabalhamos com a reorganização de linhas e com especificação de linhas na Cidade de São Paulo.

O que eu teria de falar o Salvador já falou uma parte, que é a reorganização de linhas. Temos algumas preocupações aqui. a demanda realmente é muita alta. Os senhores sabem, os senhores vivem aqui. a gente acompanha essa operação, sabemos que tem problemas. Mas sabemos também que não dá para colocar ônibus articulados em todas as linhas aqui, porque o viário não comporta, a topografia da região não comporta. O ideal é que a gente tivesse esses ônibus maiores, o padrão ou ônibus articulados saindo do terminal Britânea.

Essa proposta - se puder voltar naquele desenho. Volta só um pouquinho a apresentação – A nossa intenção é que os ônibus articulados fizessem duas linhas apenas. Duas ligações. Do Terminal Britânea até a Lapa que o polo de maior demanda dessa região e a outra linha até a Praça Ramos, região central. As demais linhas, linhas locais, com veículos menores que poderiam atender todos os bairros com uma frequência maior do que tem hoje, inclusive, com os carros maiores e vocês fariam essa transferência no terminal Britânea, já ampliado. Porque hoje com 130 metros, realmente não é possível fazer essa reorganização, mas 260 metros de plataforma e com área para refeição, sanitário para uso dos operadores, isso seria possível, como o Salvador disse, isso não foi aceito, tenho o trabalho lá, esse

trabalho foi feito para reorganização de linhas, considerando a ampliação do terminal Britânea, mas esse trabalho, quando o terminal Anhanguera for construído essas linhas locais vão alimentar o terminal Anhanguera, da mesma forma, com os veículos de menor capacidade que são os mines ônibus que são os veículos adequados para o tipo de viário e outro problema, esta aqui o Evanildo que poderia até falar, mas o veículo miniônibus na rodovia ele é muito perigoso. Não pode andar com a lotação que ele anda, e está andando. Ele tem limitação de velocidade. Quanto maior a demanda, você precisaria estar aumentando a frota. Por isso aquela foto daquele congestionamento na entrada de São Paulo, que é aquela agulha de entrada da Alexandre Colares. Quanto maior, se a gente tiver necessidade de colocar 50 miniônibus ali, vocês vão ficar em numa fila. Não adianta aumentar. Na verdade o ideal é aumentar a capacidade do veículo. Reduz a quantidade de veículos mas aumenta a capacidade, é essa a reorganização que propusemos e que também vai valer no caso da Anhanguera. Essa reorganização também vale para o Anhanguera, porque essas linhas locais serão as linhas que alimentarão o terminal Anhanguera...

O dimensionamento. a gente calcula, aí tem uma série de cálculos. Você tem a frequência, tempo de viagem, horário, mas isso foi tudo calculado. É possível. Cabe. Já fizemos esses cálculos. É possível. As duas linhas estruturais ficariam em uma plataforma que são esses 130 metros e as linhas locais ficariam na outra plataforma. O que diferenciam do que está hoje? Hoje os miniônibus ficam parados lá fazendo ponto final. O miniônibus vai ter um ponto, de controle, mas onde será feita o controle da linha, para fazer refeição do operador, será nos bairros, com carros menores. Isso é possível. Já foi calculado. Não essa a discussão...

- Apartes fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Senhores, temos de gravar tudo que os senhores falam, porque senão a gente não consegue, depois, utilizar o que os senhores estão falando como peça do nosso debate. se a gente não grava os que os senhores falam, a

tomada de uma decisão lá na frente do que fazer na aprovação do orçamento, colocar mais recursos aqui, mais recurso acolá, perde a oportunidade, muito importante, que é ter o registro ao que os senhores falam. Vamos voltar a compor a mesa. Vou pedir para nossa equipe fazer as inscrições em seguida vamos permitir ao que os senhores falem no microfone, para que tenhamos registro de tudo que os senhores irão falar. A cada cinco que falarem vamos dar oportunidade para os técnicos da SPTrans, nos responderem e ao final, tanto eu como o nobre Vereador Toninho vamos poder, também, dialogar com os senhores sempre nessa regra de cinco fala, responde, volta para vocês porque senão colher as informações que os senhores nos trás e isso alimentam as decisões, que tanto a SPTrans vai tomar, quanto os Vereadores vão tomar na Câmara.

Vamos recompor a mesa.

A SRA. ROSILDA – Apenas terminar o que estava falando. Essa reorganização ela não implica apenas no terminal Jardim Britânea, mas na região da Lapa, hoje nessa região da Lapa tem linhas da concessão e linhas da permissão chegando até lá. Se a gente reorganizar os serviços, a gente consegue deixar uma ligação só para a Lapa, com ônibus maiores e com ponto final dentro do Terminal Lapa, hoje não temos espaço na região da Lapa, também para alocar todas essas linhas. Reorganização acontece aqui e acontece na Lapa também.

Obrigada!

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Audiência Pública, tem uma característica que não pode ser perdida, que é a capacidade da população nos trazer informações que muitas vezes as autoridades públicas não tem, é o conhecimento leigo e popular de quem vive no território e nos abastece de informações, portanto é fundamental sim, ter o registro de tudo que os senhores irão falar e ter as explicações e ter as ponderações políticas. Toda a decisão não é só tecnocrata mas passa por um crivo político que alimentado pela força da população. é importante, não só a presença dos senhores, mas a manifestação dos senhores.

Passo a palavra ao nobre Vereador Toninho Vespoli.

O SR. TONINHO VESPOLI – Boa tarde a todos. Já houve três reuniões sobre esse assunto. O terceiro estava presente, foi a reunião que vocês expos para a sociedade, pelo naquela reunião já teria sido tomada uma decisão que era de não fazer os ajustes ou a reforma no Britânea porque a comunidade entendia, - é uma reivindicação antiga – que faça nas torres da rádio o terminal.

Eu sei que a Administração coloca que é uma coisa cara, mas as coisas boas são caras mesmo. Eu acho que a região merece um investimento.

Às vezes, também, é de opção para onde vai o dinheiro. Por exemplo, a gente pode falar que, no ano passado, na Câmara Municipal, foram passados 80 milhões para reforma do Autódromo de Interlagos. Há 80 milhões para o Autódromo de Interlagos que era uma coisa que, inclusive, nem ia fazer conta para se ter o Autódromo funcionando bem, para se ter a Fórmula 1 em São Paulo, mas gastaram os 80 milhões. Às vezes, também, é qual a prioridade para onde a gente põe o dinheiro do Orçamento.

Outra questão que acho importante: se havia um projeto inicial, outras secretarias vão lá e pedem o terreno para fazer posto de saúde, ou não sei o que, é muito difícil se arrumar um terreno grande para fazer um terminal.

Às vezes, é muito mais fácil dar uma negativa para as secretarias que pediram esse ajuste, e elas têm condições de arrumar um terreno mais próximo que é menor para o posto de saúde, para fazer uma escola, ou que seja uma CEI. Há outras possibilidades internas, porque vai ser muito mais difícil conseguir um terreno grande para o terminal.

Depois daquela reunião que nós fizemos, foi feita outra reunião aqui no bairro que participaram, pelo que sei, mais ou menos, 160 pessoas, que foram unânimes em dizer que não querem essa reforma no Britânia, mas querem o terminal novo. Então assim, discutindo isso até com a Administração.

Porque o Governo Haddad tem se pautado por um governo que fala que dialoga

com o povo, que discute com o povo. O povo está falando que quer o terminal lá onde tem as torres de antenas da rádio.

Caso não consiga agora, foi feito um documento, também entregue para a SPTrans, para que peguem esses 10 milhões, ou o dinheiro que vai se gastar lá, e façam algumas melhorias.

No documento que foi passado – não vou ler aqui o documento e as melhorias que foram tiradas pela população -, mas está aqui, foi passado para a SPTrans, pelo movimento, e até agora não veio uma resposta da SPTrans. (Palmas)

Naquela reunião que nós estávamos, quando foi falado que a Administração não iria fazer o terminal na Britânia, o Mario Bortoto, colocou no final, de a gente continuar esse diálogo, mas daqui em diante. Ou seja, as pessoas não querem fazer isso lá no terminal, mas querem os 10 milhões para a região, porque é legítimo melhorar o viário, e a população quer discutir com a Administração. Então como que nós vamos melhorar as questões do viário aqui da região? Porque a verba tem que ser investida na região.

Isso que foi mais ou menos apontado. Acho que era isso que deveríamos discutir daqui para frente. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) - Acho que tem uma questão fundamental para a gente compreender, que são as decisões que as gestões tomam.

Nós estamos dentro de um CEU, não estamos? Teve uma decisão política para construir esse CEU aqui, não teve? Portanto, a gente conseguiu reconhecer que aquele gestor político foi responsável por compreender que uma região afastada do Centro, que não tinha um equipamento deste tamanho, passasse a ter. Decidiu fazer e hoje estamos dentro deste CEU.

O papel que a gente tem que desenvolver no dia de hoje - acho que é isso que tem que ficar como elemento fundamental - qual a disposição que a Secretaria e a SPTrans ainda têm de a gente aproveitar o recurso que estava previsto para este território, em intervenções neste território, ainda nesta gestão?

Por duas questões objetivas: se o recurso estava disponível – essa questão me parece absolutamente fundamental – a população não quer a intervenção que parece a ela absolutamente paliativa de um novo puxadinho no terminal que foi entregue enquanto puxadinho. Mas não quer dispensar nenhum centavo que foi definido para o território. Talvez essa seja a questão mais importante.

É muito difícil um recurso chegar nesse território. Não dá para dispensar nenhum centavo que acertadamente se decidiu investir aqui.

Então acho que a capacidade que a gente tem de organizar o nosso planejamento também tem que permitir para a gente ter plano A, plano B, mas saber das carências deste território e, quando consegue se dispor de 2, de 3 milhões de reais, para investir no distrito que mais cresceu nos últimos 10 anos, não é uma negativa circunstancial, não do dinheiro, mas da forma da sua aplicação é que a gente tira o recurso do território.

Acho que é fundamental que no dia de hoje a gente consiga ir para além de na fazer a obra no terminal, é não perder o dinheiro para um território que mais cresceu nos últimos 10 anos e que vai continuar com demandas gigantescas se a gente não garantir que o recurso que viria para cá, de fato, seja investido aqui.

Eu acho que esse talvez seja o elemento fundamental para a gente ter no dia de hoje, ajudar no processo de orientação e decisão de onde colocar um recurso que já estava garantido para este território. O fato de não querer a intervenção no Terminal Britânia não deve tirar a importância dos investimentos que devem ser feitos aqui, porque senão a região perde duas vezes: perde porque não vai ter o recurso investido e esse recurso vai ser investido em algum lugar que não é este território. E aí o prejuízo se dá em duas vezes para uma região que não para de crescer.

Vou abrir a lista de inscritos, a cada cinco a gente traz para a mesa.

Mas é fundamental que a gente observe esse processo do desenvolvimento da região que precisa, de fato, desse recurso que já estava anunciado para ser investido aqui.

Senão em uma intervenção, em outras pactuadas com a sociedade.

Mônica Costa e Silva, Presidente da Associação Defesa da Cidadania; prepara Gilvan Mortari, Associação dos Moradores do Sítio Itaberaba; Carolina Nascimento, Conselho Participativo. Esses são os três primeiros já chamados.

Mônica, tem a palavra.

A SRA. MÔNICA COSTA E SILVA – Boa noite a todos, vimos de uma discussão sobre o terminal já faz alguns anos. Essa questão de dinheiro, que não pode ser investido, que o dinheiro está sobrando, que tem que ser investido nesse ponto. Porque é um ponto.

Eu estava vendo esse gráfico. Uma coisa é você tratar do que é técnico, do que realmente seja uma questão que, digamos assim, precise de estrutura, mas outra coisa é fazer bem para nós que moramos aqui. Uma coisa é o que nós pegamos todo santo dia de manhã, os ônibus lotados.

Se o dinheiro realmente tem que ser investido nessa região, então eu dou uma sugestão: tem o Sol Nascente que não tem um terminal, nem um pequeno como esse do Britânia e tem necessidade.

O nosso empenho, não só meu, mas também de várias entidades que aqui estão representadas e vão se pronunciar, é que seja construído. A gente vem numa batalha, numa briga, numa luta, em reunião constante. Acho que há 15 dias a gente fez uma reunião lá com a Rosilda, a gente falou exatamente disso: que nós temos a extrema necessidade da construção do terminal.

Porque quem conhece o Terminal da Lapa, Terminal de Pirituba, sabe o tamanho da estrutura e o quanto cobre. A gente sabe muito bem, quem vive nesta região, o ônibus que sai daqui lotado, mas também sabemos as precariedades das peruas que rodam dentro do bairro. Quem vive neste bairro quer qualidade de vida.

Daqui a alguns anos vamos ter o Ceagesp instalado na região, vai ser um fluxo muito grande. Eu me lembro muito bem aqui, inclusive, o Sr. Vereador estava lá presente e

falou tanto da questão da estrutura, que eu acho que deveria defender a construção não só do Terminal Anhanguera, mas do Terminal Perus.

Porque em Perus, há alguns anos, aconteceu a mesma coisa. Pegaram uma verba, reformaram o Recantos Humildes, dizendo que iriam construir depois o terminal. Passaram três gestões e até hoje não construíram.

Então hoje eu falo para você que a necessidade é construir. Se o terreno está lá, se está licitado para o ano que vem, se já entrou no plano do Governo para a próxima gestão, não importa o Prefeito, mas nós temos que cobrar, nós temos que continuar mantendo o que nós queremos: a construção de um terminal decente, digno. Porque, primeira coisa que foi falada aqui e eu vi no slide: onde ficam estacionados os carros da UBS? Quem vai à AMA, que é a única que temos para socorrer nossos filhos, não tem onde parar o carro, não tem onde ficar estacionado, porque já é o terminal em frente. Você cresce e tira toda a privacidade. Resumindo: construiu-se o prédio ali em frente, mas ali deveria ter um estacionamento para quem para seus carros. Quero dizer que aquele é o único lugar que o pessoal estaciona para levar os filhos doentes – isso já aconteceu comigo e com meu filho. Vão tirar para construir uma coisa que não vai resolver nossos problemas.

Vamos continuar sempre aceitando soluções paliativas que vêm para o Anhanguera e para Perus? Claro que não. Temos o direito de ter um terminal, sim. Hoje há 2 Vereadores aqui. Sabemos que vocês têm como votar o Orçamento. Sabemos que não é pouco, sabemos que o dinheiro é muito alto. Fizemos um movimento, fechamos a Anhanguera, fomos à SPTTrans, fomos a todos os lugares, fomos fechar a Santa Brígida, fizemos um escarcéu para conseguir aquele terreno, e sabíamos que aquele terreno é particular, porque é o único que tem. Sabemos da luta. Não é só uma Secretaria que vai fazer a intervenção naquele terreno; são 2 Secretarias: Transporte, Educação e Saúde.

Então, quem aqui entende de política sabe que o dinheiro não vem de um lugar só. Então, nós temos que continuar, sim, querendo a construção do terminal. Sabemos que o que

vai ser feito é um paliativo, mas não para nós. Desculpem, mas é um paliativo para a SPTrans, não para nós. (Palmas)

Nós temos que querer para nós. Moramos aqui. Eu pego ônibus todo santo dia às 6h40. Eu até falei para a Rosilda: nós temos muito menos ônibus. Eu fico no ponto esperando, passam vários: Jaraguá, Jardim Líbano, um Terminal Lapa atrás do outro, enquanto nós demoramos 40 minutos, 50 minutos ou mais no ponto. Então, digo a vocês: se aceitamos hoje essa reforma, vamos estar jogando dinheiro fora. Realmente, vamos estar, porque há bairros segregados como Sol Nascente, Jardim Sulina, Chácara Maria Trindade, onde não há nada, é inacessível. Então, se esse dinheiro precisa ser gasto na região, que seja gasto em bairros que não têm nenhum ponto, como este aqui. E vamos nos empenhar para construir o terminal que nós precisamos, e que daqui a três, quatro anos, vai ter que ser construído, porque o Ceagesp está vindo, assim como está vindo uma concessionária de empresas que terão que investir na região. Então, este é o momento de a gente cobrar e dizer que queremos investimentos que venham para a região através do Ceagesp, através do Governo do Estado, através do Município e principalmente, Srs. Vereadores, de vocês que falam que vêm muito aqui. Esta é a hora de vocês demonstrarem que estão do lado do povo e mandarem as emendas para cá, construírem o nosso terminal e pararem de querer trazer paliativos nos enganando dizendo que será bom para nós. Não vai não, gente, não se enganem!

É isso o que eu tenho a dizer a vocês, porque fiz e continuo fazendo parte dessa luta desde o início. Digo “não” a essa reforma e “sim” à construção do terminal. Muito obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Agradeço à Mônica. Lembro que estamos em um equipamento público, que teve Vereadores envolvidos de fato para trazê-lo para cá e, portanto, há muita luta, sim.

Tem a palavra o Sr. Gilvan, da Associação de Moradores do Itaberaba.

O SR. GILVAN RAMOS MORTONI – Boa noite a todos: técnicos da SPTrans,

Vereadores, público presente. O decreto foi feito no primeiro ano do governo Haddad. Se não me engano, foi em junho de 2013, no primeiro ano de mandato. O governo está acabando, faltam somente uns 5 meses, provavelmente Haddad não vai ganhar segundo as pesquisas.

O terreno tem 23 mil metros quadrados, é de um grupo da máfia da comunicação no Brasil – não só daqui de São Paulo -, do Sr. Paulo de Abreu, irmão do José de Abreu, dono da Rádio Atual. É uma máfia. Essa rádio nunca teve utilidade aqui na região, inclusive não sei nem se ela está funcionando, porque funcionava Iguatemi AM, e AM, sinal analógico, acabou, é coisa do passado. Esse terreno, na verdade, é uma mera especulação imobiliária.

Minha proposta é não colocar um centavo sequer nesse terminal. Porque, se se colocar um centavo nesse terminal... Terminal não, ponto de integração, porque isso aí não é terminal. (Palmas) Inclusive, eu vou até contestar aqui para que os técnicos da SPTrans não falem em terminal: ali é um ponto carente, crítico de integração; não é para se colocar um centavo naquele terminal. Se tem algum dinheiro relacionado ao futuro terminal de verdade, que é nesse terreno, que é um terreno bom, que tem um nível para a Avenida Virgínia Castiglioni e outro nível para aquela rua que agora é mão única e faz divisa com Paulo Prado; com tecnologia, arquitetura e engenharia, na verdade não são 23 mil metros quadrados: se aproveitar bem o terreno, vai dar 46 mil metros quadrados. Vejam só! Dá para fazer muita coisa: um posto policial, uma UPA e também dá para fazer o terminal no nível da Virgínia Castiglioni numa boa.

Minha proposta é que se pegue esse dinheiro e se faça um depósito judicial para garantir o terreno. Porque, se se pegar um centavo e aplicar no ponto de integração do Jardim Britânia, acabou, já era. Obrigado. Boa noite. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Sra. Carolina Nascimento.

A SRA. CAROLINA NASCIMENTO – Boa noite. Sou do Conselho Participativo da região. Estou no Conselho de Planejamento e Orçamento da cidade de São Paulo representando a Anhanguera. Infelizmente, quando chegamos à Prefeitura, eles só se lembram

de Perus, Anhanguera nunca é falada, mas eu falo.

Na semana passada, tive audiência pública com Transporte no Conselho Participativo. Inclusive o nosso companheiro Ênio estava presente. O que eu discuti lá foi o seguinte: conseguimos garantir que o Terminal Anhanguera ficasse no Plano de Governo de 2015 para 2016. A nossa devolutiva do Conselho no ano passado foi a seguinte: o projeto está totalmente pronto, e o terminal vai sair. Aí, em janeiro deste ano pedi para que a São Paulo Transporte, o Secretário de Transporte viesse à região conversar com a comunidade. O Conselho chamou. Há vários conselheiros aqui presentes - o Pequeno, Pastor Rubson, Mad, Luzia, Paulo Ribeiro -; nós pedimos, inclusive mandamos um ofício para a Secretaria de Transportes, mas não obtivemos resposta. Eu fui encontrar com vocês nas audiências públicas do Cepop. Somos eleitos pelo povo, as pessoas confiam na gente, a gente representa no Conselho Participativo cada um que está aqui; mas temos nariz de palhaço, porque indicamos as obras, é uma correria para dar essa indicação de obras para a região, e quando chega hoje, numa audiência pública como esta, o Sr. Salvador olha para nós e diz: “Mas a gente não sabe...” Nós já garantimos. Inclusive colocamos no Plano de Metas para 2017 ainda o Terminal Anhanguera.

Eu gostaria que vocês respeitassem a gente, porque também fomos eleitos pelo povo. As pessoas confiaram em nós. Não estamos aqui para servirmos de palhaços. Eu não saio da minha casa às 8 horas para chegar às 23 horas para ficar na Câmara em audiência pública, o Vereador Police sabe disso. A gente fica em audiência pública e acompanhamos toda a votação do Orçamento - inclusive no dia 30 estaremos enviando a proposta de Orçamento para vocês, pois vão começar as audiências públicas para votar o Orçamento -, mas vocês não respeitam a gente. A DUP já está pronta. A DUP já foi feita, o projeto está pronto. Aí, você vem com esta história: “Estamos readequando o projeto”. Pelo amor de Deus! Readequando o quê?

Vamos investir, sim, no Sol Nascente. O pessoal vai para reunião do Conselho do

Sol Nascente, e eles têm que descer aqui na Anhanguera e subir às 23 horas andando, isso quando não há carona de ninguém. Eu, pelo menos, faço isso. Acho que vocês não estão pensando na gente. Nós do Conselho Participativo estamos há um ano pedindo uma reunião com vocês, e essa reunião até hoje não aconteceu. Nós encontramos com vocês aqui. É precário. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Tem a palavra o Sr. Everton dos Santos Barbosa.

O SR. EVERTON DOS SANTOS – Boa noite a todos. Não sou conselheiro, não sou porcaria de nada, sou só morador só. Eu não sei dessas politicagens nenhuma, não sei nada de política. Eu sei fazer conta, é o que eu sei. Todas as vezes que vocês apresentaram qualquer proposta aqui sempre foi para piorar. Eu tenho um e-mail que mandei para a SPtrans, vocês foram lá, falaram que iam fazer ali e estava a foto. Vocês colocaram as duas linhas para onde eu moro, que é no Parque Esperança, e a linha Parque Esperança, na proposta original que estava ali, e uma linha Itaberaba. Vocês sabem quantas pessoas pegam ônibus de manhã no horário de pico? Só olhando o site de vocês, fazendo uma estimativa por baixo, pegando o seu menor ônibus, pegando a tabela de horários que são, em horário de pico hoje, sai a cada sete minutos no horário de manhã, o Praça Ramos, lá no final. Somando os dois ônibus que saem do final sai por volta de 20 ônibus por hora. São 900 lugares disponíveis por hora. Vocês colocando duas linhas lá, vocês teriam que colocar uma perua saindo a cada dois minutos e meio para atender essa mesma quantidade de pessoas. Sabe o que é isso? Encher uma perua em dois minutos e meio? Entendeu? É simples, por baixo, para manter, para deixar do jeito que está, não é para melhorar. Não estou falando em melhoria, para manter do jeito que está agora, que é sair lotado, tem que chegar 40 minutos antes para você conseguir ir sentado.

Outra coisa, vocês falam que estudam. Vocês acabaram de falar que a maior demanda é para Lapa? Pessoal fica 40 minutos esperando. Vocês falam que a maior demanda é para Lapa? Lapa são linhas complementares que tem aqui. Estão para desafogar. São linhas

que são complementares, que complementa para esvaziar um pouco o Praça Ramos. Noventa por cento das pessoas descem no itinerário 8622. As pessoas se acostumaram nesse bairro a se utilizar descendo no Itinerário desse ônibus, por isso que a gente briga. Essa proposta é ridícula até de ampliação. Então, não vou nem comentar.

O SR. ANDERSON CARVALHO – Oi pessoal, boa noite. Sou empresário de uma empresa que criei aqui no Morro Doce para atender deficientes e idosos. Na verdade, eu tenho uma pergunta para vocês. Como empreendedor que aqui tem várias pessoas que tem o seu próprio negócio, quando você vai comprar um terreno, vai fazer todo o seu planejamento, vocês como pessoas físicas, ou como empreendedores, comprariam um terreno de 20 milhões, daquele tamanho? Não faz sentido nenhum pagar 20 milhões de reais num terreno daqueles. Isso está claramente errado. Alguém está querendo ganhar demais em cima das nossas costas e é uma sacanagem. Com todo o respeito, na verdade, é mais um comentário que a ampliação pelo documento que o meu colega aqui mostrou do terminal novo custaria mais ou menos um milhão e meio para construir aquele espaço, para colocar mais um quatinhos. Eu não pagaria isso jamais para construir aquele espaço ali, como empreendedor. Aquele espaço ali comprando e construindo, a gente também sabe que não custa isso porque as pessoas querem continuar arrancando o dinheiro da gente? Porque o dinheiro não pode ser bem gasto, na sua casa, quando você vai fazer, você vai pedir sempre o cara que faz mais barato. A gente sabe disso. Você vai fazer uma reforma no banheiro, você vai pegar o cara que faz mais caro? Você vai pegar o cara que faz melhor, né. Agora, pagar um milhão e meio. Você fala que eu arrumo um pedreiro que vai cobrar 300 mil e vai fazer igual e melhor. É só essa a questão.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Deixa eu colocar duas coisas que são importantes aqui para esclarecer, até para que ninguém tenha dúvida. Aí a Secretaria e a SPTrans pode nos responder. Em que momento a Secretaria desiste daquilo que vinha sendo pactuado e começa a elaborar esse projeto que a população, eu e o Toninho rejeitamos de maneira objetiva. Resta sempre uma dúvida: em que momento o esforço que a comunidade

vem fazendo de garantir sim a melhor terra para uso público, que ela tem possibilidade de educação, saúde, segurança e de outras atividades que é o terreno da rádio, que vem sendo motivo de esforços de toda a ordem. Todo mundo fica protegendo aquela área. Em que momento a Secretaria desiste disso para elaborar algo que ficou claro não só aqui, mas em todas as reuniões, nas reuniões da Comissão de Transportes, que não é nada do que a gente precisa. Precisamos entender em que momento a Administração desiste daquilo que parece fundamental para a outra região que está muito naquilo que a região vai ser, pelos fortes investimentos que a região noroeste vai ter. Então, a gente também precisa entender em que momento se desiste da região para fazer um pequeno investimento e que está claro que mesmo pequeno não atende àquilo que a população vem demandando. Esse esforço tem que ter porque queremos trazer aqueles que ainda acreditam que a gente pode fazer um grande investimento. Quem é na educação que a gente tem de trazer para o nosso lado? Quem é na saúde que temos de trazer para o nosso lado? Quem é que está na área de segurança que a gente tem de trazer para o nosso lado? Se está claro para a gente que a Secretaria de Transportes não pode sozinha, nos digam quais os parceiros que a gente tem de buscar o recurso para de fato a gente ter um terminal, uma unidade de saúde importante para esse território para que de fato a gente tenha aquilo que a população quer no menor espaço de tempo. É fundamental a gente juntar os esforços para não abandonar o que a população quer em momento algum.

O SR. _____ - Bom, gente, as questões de um modo geral aqui, todas as manifestações elas estão, eu diria no meu modo de entender, relativamente simples e eu não estou entendendo a discussão. Porque na verdade não viemos aqui hoje para defender essa reforma. Ao contrário, a decisão está tomada, não vai haver essa reforma. Então, todas as manifestações que foram feitas aqui. Isso está decidido. Nós viemos aqui para poder dizer que lá entre as várias reuniões que foram feitas do dia 6, quando nós estivemos aqui, nós viemos e o povo decidiu que não queria e nós decidimos que a gente não ia fazer porque o

povo não queria. Está decidido. Eu não estou entendendo essa tensão de dizer que não querem. Não viemos aqui dizer que vai fazer, viemos aqui dizer que não vamos fazer. Vocês não querem e decidiram que não vamos fazer. O que estamos defendendo fazer, exatamente o que vocês estão defendendo, não tem divergência entre o que a gente pensa e o que vocês pensam. Nós pensamos a mesma coisa. Por isso que dissemos a declaração de utilidade pública da área está mantida, o decreto vale por cinco anos, respondendo um pouco a questão que o Everton colocou sobre o valor do terreno. A questão do valor do terreno não é a gente que decide, a avaliação do terreno é feita baseada no valor venal do terreno, tem uma avaliação, esse valor vai para a Justiça.

A Justiça vai determinar o seu avaliador, vai determinar o valor real, e a Prefeitura vai ter que pagar o valor que foi decidido, o valor real decidido pela Justiça. Essa é a questão, mas nós não estamos discutindo isso.

Sobre em que momento a SPTrans tomou a decisão de fazer a reforma, como eu já havia dito na outra reunião, nós entendíamos que poderíamos fazer a melhoria do transporte a curto prazo, mas, na medida em que percebemos que não teríamos condições de fazer a curto prazo a construção do grande terminal Anhanguera, que o povo merece, e como o povo disse não, está decidido. Não, isso não vai acontecer. Nós não estamos aqui para discutir de novo e ninguém precisa sair daqui preocupado, achando que vamos insistir, porque não vamos. Respondendo à manifestação do Vereador Police, nós não desistimos da construção do grande terminal.

Ele perguntou em que momento a Prefeitura desistiu, mas a Prefeitura não desistiu, o terreno está garantido, já há DUP, o projeto está pronto, e a licitação já foi iniciada, apesar de ter sido parada pelo Tribunal de Contas. Então, é o momento de vocês discutirem, e vocês estão certíssimos de irem ao Conselho, de virem aqui. Daqui a pouco os Vereadores vão discutir o Orçamento para poder apresentar emendas, se necessário, a fim de garantir o recurso para poder desapropriar o terreno e fazer o terminal. Na medida em que isso estiver

garantido e tiver recurso – porque garantir o recurso no Orçamento não significa necessariamente que haja o dinheiro –, tem que se levar em conta o que o Vereador Toninho Vespoli disse, que eu concordo, pois temos que discutir quais são as prioridades, o que se vai fazer ou não, para poder definir, caso não tenha dinheiro para poder fazer, o que é importante fazer para o Município, para a região. Decidido, vai ser feito. Não há divergência quanto a isso.

Sobre o que o Vereador Police Neto disse no princípio, e estou de acordo, é que, mesmo que há haja o ‘de acordo’ – e não haverá desistência de fazer – para construir o terminal grande, que a população merece e quer, se ele não puder ser feito agora, porque custa caro, porque não compraram o terreno ainda...

- Manifestações fora do microfone.

O SR. SALVADOR KHURIYEH – Não, não tem indenização da casa do lado. Não, é só desapropriação do terreno. Não, não.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Monica, por favor.

O SR. SALVADOR KHURIYEH – Nós declaramos de utilidade pública o terreno da rádio.

- Manifestações fora do microfone.

O SR. SALVADOR KHURIYEH – Não, as casas do lado não têm que ser indenizadas, nós não vamos mexer nelas, nós não vamos desapropriar.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Deixe-me só colocar uma questão para esclarecimento. A disposição da Secretaria quando do diálogo com aquele terreno é de só utilizar aquilo que é propriedade da rádio. As casas e a igreja, que compõem o resto do terreno, estão fora de qualquer desapropriação e, portanto, continuarão ali? Essa é uma pergunta objetiva. Quando do processo de desapropriação e indenização, o único que será indenizado é o proprietário do terreno, porque todos os outros imóveis continuarão lá intactos como estão hoje?

O SR. SALVADOR KHURIYEH – Não, querido. Não. A desapropriação é para o

quarteirão todo. Então, tudo o que estiver dentro do quarteirão deverá, naturalmente, ser desapropriado. A pergunta dela é sobre as casas ao lado, mas não há casas ao lado.

- Manifestações no recinto.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Não, tem. Tem casa dentro do terreno, mas que não é da rádio.

O SR. SALVADOR KHURIYEH – Dentro do quarteirão, todos têm que ser...

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Calma, Khuriyeh. Calma, Salvador.

O SR. SALVADOR KHURIYEH – Não, querido. Desculpa, Vereador. Desculpa. Calma. Permita-me chamá-lo de você. Você, como meu amigo, ou o senhor, como Vereador, sabe e nós estamos falando a mesmíssima coisa. Eu estou dizendo que todos os imóveis... Quando eu falo em todo o terreno da rádio, eu não estou falando que é só o terreno que é de propriedade do dono da rádio, eu estou falando que é o quarteirão inteiro – todo mundo que estiver ali dentro vai ter que ser indenizado. É óbvio.

- Manifestações no recinto.

O SR. SALVADOR KHURIYEH – Isso é óbvio. Isso é claro. O que eu estou querendo aqui discutir e o que entendi já na primeira manifestação do Vereador Police Neto e do Vereador Toninho Vespoli é sobre aquilo que podemos fazer daqui em diante, na medida em que não dá para sair o terminal agora, na medida em que nós não vamos fazer a reforma do puxadinho, como alguém tinha falado.

Então, o que podemos fazer agora? Quero ouvir vocês, quais são as demandas, quais são as questões que vocês sugerem que possam ser feitas para podermos analisar, para podermos estudar se será possível fazer.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Então, vamos seguir.

Tem a palavra o Sr. Vanderley Batista.

O SR. VANDERLEY ALVES BATISTA – Boa noite. Eu sou morador de Itaberaba II e, como motorista de ônibus, sei do descaso da Prefeitura com o transporte público.

Infelizmente, a Prefeitura e a SPTrans estão deixando a desejar, porque o transporte público é um caos no Morro Doce e em várias periferias de São Paulo. Infelizmente.

Se eles fizerem alguma benfeitoria no Britânia, eles não vão mexer depois e nós vamos ficar abandonados. Esse dinheiro é muito para nós, mas para a Prefeitura é muito pouco, pouco demais. (Palmas)

A passagem é muito cara, os idosos e as gestantes andam jogados dentro dos ônibus e os estudantes e trabalhadores andam estressados. Aqui em Itaberaba II não suporta articulado. Um lugar como este, com tantos moradores e trabalhadores, tinha que ser ônibus biarticulado. O melhor lugar é na rádio, é aproveitar aquele terreno, cobri-lo, aproveitar o dinheiro que está sendo gasto, fruto dos nossos impostos, e fazer um hospital em cima, montar uma delegacia, instalar uma infraestrutura boa, porque nós merecemos isso. (Palmas)

Nós já estamos cansados de pagar imposto e a Prefeitura não fazer nada.

Outra coisa. Se o terminal foi colocado aqui, tem que ser ônibus biarticulado, porque aqui tem muita gente. Daqui a algum tempo, esse ônibus que vem de Perus não vai ir até a Lapa mais, eles vão descarregar tudo aqui no Britânia. O ônibus do Sol Nascente vai virar circular, eles vão retornar lá no 18, vai voltar e vai descarregar todo mundo lá. O ônibus Jaraguá vai descarregar todo mundo lá no 18 e só o Morro Doce vai levar todo o pessoal. Vai ficar lotado e vai ser um descaso com a população daqui de novo. Não vai resolver nada. Ou fazem um negócio de qualidade ou nós vamos enfrentar o caos. E nós não podemos aceitar isso. Tem que ser ônibus de qualidade. Nós merecemos porque a passagem é um absurdo de cara.

Muito obrigado, minha gente. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Uma questão que é fundamental – e o Vanderley tocou muito nisso e até parabenizo-o por isso – é que tanto o Salvador como a equipe já sabem que nem nós nem eles faremos nenhum investimento no ponto do Britânia. Isso está superado.

O que precisamos discutir agora é onde nós podemos realizar um investimento imediato, porque se havia um recurso que estava à disposição disso, não tem condição de qualificar aquele que é o ponto final do Itaberaba e, portanto, dar uma qualidade àquela saída. Não dá para qualificarmos o Sol Nascente, portanto, dar uma qualidade àquilo.

O que estamos tentando aqui é: se há um investimento que pode ser feito no território. Há gargalos claros aqui. O Itaberaba é um; o Sol Nascente é outro. Isso importa sim.

- Manifestação no recinto.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Maria Trindade é outro. Então, o esforço que quero fazer com vocês enquanto membro da Comissão de Transporte é discutir como podemos levar a informação para a Secretaria a fim de sairmos daqui com alguma coisa.

Senão, mais uma vez, a gente sai daqui com pouca coisa para levar para aqueles que acreditam que a gente está representando este debate. Então, a gente precisa avançar.

Está claro que não vai ser feito investimento no Britânia; que a Secretaria vai continuar com a gente no Terminal, mas tem investimento que a gente pode fazer no Rosinha, no Itaberaba, no Sol Nascente, no Monte Belo, no XXII.

Então, está claro que a gente pode avançar.

Vamos focar naquilo que parece – para a gente – qualificar o sistema local.

Tem a palavra, Paulo.

O SR. PAULO – Obrigado, Vereador Police Neto.

Depois desse discurso todo, sobrou o quê para eu falar aqui? (Risos)

Brincadeiras à parte, o assunto é muito sério.

O que tenho observado: eu sou corretor; tenho uma imobiliária no bairro; conheço o preço do metro quadrado na região.

O que o nosso amigo falou sobre o metro quadrado, de o custo ser absurdo, é altíssimo. Estão pagando, em média, 1.100 reais o metro quadrado. Por quê? Como o nosso colega falou, se fosse um cidadão particular como eu ou qualquer outro seria um preço, mas,

como envolve órgão público, que paga bem em tudo o que vai fazer – eu não sei o porquê-, está esse preço de mais de 23 milhões. Isso porque está mais de mil reais o metro quadrado.

O metro quadrado naquela região para aquela topografia, que é barranco, não passa de 800 reais o metro quadrado, pagando-se bem.

Então, dá começar a se repensar nesse custo.

Conheço o preço do metro quadrado daqui, trabalho aqui há oito anos, então, conheço como funciona a região.

O que o Políce acaba de colocar fazia parte da minha fala.

Precisamos pegar esse dinheiro que é da Secretaria de Transportes e, sim, utilizar no que é transporte. Não dá para ser utilizado em outra Secretaria.

Enquanto está essa briga de sai ou não sai o Terminal, concordo com ele, o ponto final do Praça Ramos e do Lapa estão precários, os ônibus não manobram direito ali. É preciso uma reestruturação. Peguei o Praça Ramos durante 7 meses às 6h. Eu chegava às 5h30 para que eu pudesse ir sentando. E, quando chovia, quem estava com guarda-chuva, molha quem não está. Por que não fazer uma cobertura, um ponto final decente?

Outra solicitação que venho brigando há oito anos, sendo que está experimental há 10: a linha 805031.

O que acontece por ela ser experimental? Não funciona nos feriados, domingos e aos sábados é reduzido em 50%, assim como o Praça Ramos é reduzido em boa quantidade.

Então, precisa ser reestruturado.

Sobre o dinheiro de quase dois milhões, como falaram aqui, podem ser colocados nesses pontos falados, como referência de estrutura do bairro, infraestrutura, qualidade do transporte.

É claro que dá para entrar numa briga com relação ao Terminal, porque o DUP tem o valor de 5 anos, não é isso? Estou errado? A gente continua brigando, desde que seja reduzido esse valor, para não se pagar tão caro. Correto?

Preciso de vocês o seguinte: vamos continuar nos mobilizando? Não vamos mais reformar o Terminal e vamos utilizar esse dinheiro na infraestrutura, cobertura de pontos, pois aqueles pontos antigos de concreto eram cobertos, mas as coberturas foram retiradas, colocando totem, além de iluminação, falta de bancos para idosos se sentarem, deficientes ou mesmo para grávidas que não podem ficar muito tempo de pé.

Só o centro merece? Não. A periferia também merece. (Palmas)

Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Sr. Anderson Barbosa; depois, o Sr. Marcelo Souza.

O SR. ANDERSON BARBOSA – Boa noite, pessoal.

Primeiramente, viemos aqui e nos foi apresentado um desenho. Falaram, na última reunião que tivemos, que não iriam fazer; chegaram aqui e colocaram um desenho para a gente ver, todo bonitinho, tentando confundir a gente.

Outra coisa: pessoal da SPTrans, mais perguntas para vocês, desde a última reunião, vocês foram ao ponto final para averiguar a situação daquilo? Porque, se tivessem ido, não estariam aqui tentando enganar a gente. (Palmas)

O rapaz que disse que é chefe da SPTrans: lembra-se que perguntei a você sobre as peruas na última reunião? Você me falou o quê? Que elas eram vigiadas, que todas as peruas eram cadastradas, não foi isso? (Pausa)

Na última reunião, falaram que as peruas eram cadastradas. Há pouco tempo, teve um acidente com o transporte escolar, o condutor da perua não tinha nem habilitação. O que vocês respondem para nós?

Da última vez, eu falei que estavam tentando enfiar guela abaixo da gente. Está aí, pessoal, trouxeram só desenhos. (Palmas) Quem gosta de desenhos? O que eles estão pensando que a gente é?

Boa noite a todos. (Palmas)

O SR. MARCELO SOUZA – Boa noite, senhores.

A impressão que me dá é que a SPTrans trata a gente como boi ou vaca, porque a SPTrans tem um tratamento especial para cada região de São Paulo. Isso é fato.

A nossa região é maltratada pelo transporte público.

Esse dinheiro que a gente poderia gastar, como já falaram, poderíamos melhorar os pontos de ônibus.

O que vocês fizeram no XXII? Lá tem a linha 801410. A SPTrans resolveu mudar o final dessa linha para uma outra rua, alegando que onde a lotação fazia a manobra não havia condições.

Ou seja, o XXII é um bairro acidentado; um morro. Quem sai do mercador para pegar a lotação na outra rua tem que subir um morro muito inclinado: idosos, gestantes, deficientes. Para esses a SPTrans virou as costas.

Liguei para 156: “Não pode porque não tem condições de manobra”.

O XXII é esquecido.

Quando pega esse Praça Ramos, não consegue entrar de maneira alguma.

(Palmas)

Esse Terminal que vocês vão fazer, na teoria, parece lindo. (Palmas) “O Terminal vai ser criado, a gente vai colocar as lotações dentro do bairro; o busão vai pegar vocês e jogar no centro”. Na teoria, isso é lindo, mas, na prática, é complicado.

Uma senhora falou: “Na Anhanguera, perto do Extra, na Alexandre Colares, tem um trânsito... vai acarretar”. Esse trânsito, desde que moro aqui, sempre existiu; a reforma da Anhanguera sempre houve; nunca melhorou. Lá não acontece trânsito de ônibus, mas trânsito por excesso de carro, porque a região de Cajamar e Polvilho estão crescendo.

Então, o trânsito não é causado pelo transporte público, mas pelo excesso de veículos. Temos que tratar de uma forma diferente disso: “Se colocarem 50 ônibus, vão ficar parados”. Não, isso não vai, porque a SPTrans tem capacidade de fazer, igual fazem em outros

lugares, um corredor. Não pode fazer um corredor ali? Lógico que tem autoridade. Então eu acho que é muito lindo o desenho, a arquitetura, mas isso, na prática, não vai funcionar. Então é assim: eu acho que a SPTrans tem que tratar a nossa região com dignidade e com respeito por aquilo que nós somos. Boa noite. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Marcelo, acho que você falou um negócio fundamental, que é como a gente tem que trabalhar a Rodovia Anhanguera. São dois fatores: se a gente não pressionar um pouquinho os nossos deputados estaduais, que eles, sim, têm que conquistar autorização para segregar espaço na rodovia para os nossos ônibus, a gente vai continuar brigando com algo que a gente não consegue fazer. Então é importante a gente também saber aqueles que têm faltado nesse debate para garantir que uma das pistas da Anhanguera, em certos horários do dia, sirvam exclusivamente, pelo menos uma das faixas, para o trânsito regular dos nossos ônibus na Rodovia. E aí a gente tem que cair para dentro da Assembleia Legislativa, conversar os parlamentares de que a gente precisa dessa autorização, porque, senão, o carro toma conta de tudo, e a gente fica parado, apertado dentro do ônibus, atrás de um monte de carros, só com uma pessoa dentro de cada um desses carros. Você tem toda a razão. (Palmas)

O Mário fecha o segundo bloco, e aí a gente passa para a SPTrans falar. E aí temos mais cinco inscritos para a próxima.

O SR. MÁRIO BORTOTO – Boa noite a todos e todas. Sou o Mário, de Perus. Também estou nesse movimento há muitos anos, e, atualmente, estou na assessoria do Vereador Toninho Vespoli. E eu quero esclarecer algumas coisas que o Salvador falou para nós.

Naquela reunião que fizemos antes, no Capes, nós tínhamos em torno de 20-25 pessoas da população e umas 10-12 do Executivo. Lá foi falado para a maioria das pessoas que nós não queríamos a mudança do sistema de transporte porque o terminal não comportava essa situação. Isso foi muito claro. Depois, foi discutido lá que se fosse feito o terminal novo, que a gente não gostaria que fosse feita uma reforma no terminal, porque, se fosse feita, nunca mais iriam mexer no terminal novo. E a terceira, que o Salvador não falou, é que naquele dia nós falamos: “nós queremos continuar o debate com a SPTrans e queremos que sejam feitas melhorias no transporte em geral da região”. Isso foi falado.

Quem daqui estava naquela reunião levante a mão. (Pausa)

Tinham 20 e poucas, 30 pessoas. E saímos de lá com a SPTrans falando o seguinte: “O diálogo vai continuar”. É verdade ou não é, Salvador? Foi isso.

O que nós fizemos, a população e o movimento de transporte?

Convocamos uma outra reunião, lá no Arco Íris, onde estiveram presentes, numa noite muito fria, 161 pessoas.

Quem daqui estava naquela reunião levanta a mão. (Pausa)

Naquela reunião foi ratificado que a população não queria a mudança do sistema, mas queria, sim, melhorias no transporte, no sistema viário, nos pontos de ônibus. Foi isso que decidimos naquela reunião com 160 pessoas. O que eu fiz, combinado naquela assembleia? Mandei um email para a SPTrans, para o Salvador, no dia 27 de junho. Eu não vou ler todo o email, vou ler somente as propostas que a população que estava lá, e que está aqui, elencou, discutimos e votamos.

“Primeiro: melhorar o Terminal Britânica – por exemplo, construindo banheiros, melhorando a cobertura e iluminação, executando obras e adaptação das dependências para idosos e portadores de necessidades especiais, sem, contudo, alterar a rotina do Terminal, ou seja, sem interrupção do seu funcionamento, sem mudança nos ônibus e baldeações.

Ponto 2: providenciar a cobertura e iluminação de vários pontos de ônibus no distrito.

Três: aumentar a quantidade de ônibus nas linhas existentes.

Quatro: criar linha para atender o Km 22 da Rodovia Anhanguera.

Cinco: criar linha circular dentro do distrito, garantindo a mobilidade entre as vilas.

Seis: melhorar a sinalização das vias.”

Por fim, encaminhamos esse documento no dia 27/06. Esperei uns 15 dias, e liguei várias vezes na SPTrans. Não consegui falar com o Salvador. Insisti, insisti, consegui falar com o Salvador, e ele disse o seguinte: “esse recurso que nós temos não dá para fazer o que vocês querem porque ele é para investimento; não podemos mudar esse recurso para fazer outras coisas”. E esse documento foi entregue, e até hoje não tivemos resposta dele. Eu insisti várias vezes, liguei, e não tivemos resposta dessas reivindicações que a população fez.

O que me estranha, Salvador, é, agora, a gente ficar sabendo desse projeto, faz um mês, um mês e meio, e que existe essa ata, e que, para nós, vocês iriam fazer esse... apresentando esse projeto.

Então o que venho pedir é que a SPTrans, se não estudou ainda, que estude essas

reivindicações, que o que nós queremos é que o recurso fique na região, que seja melhorado o viário, que seja melhorada a sinalização, que seja melhorado no ponto final do ônibus, que tenham melhoramentos nesse próprio pontão. Porque, realmente, se for feito esse projeto, e for gasto esse recurso, dificilmente vai sair o nosso terminal definitivo. Então o que eu acho que a gente precisa discutir aqui é que esses recursos fiquem na nossa região, que seja estudado e dada uma resposta rápida, porque, desde junho, não foi dada nenhuma resposta. Tanto que eu imaginava que hoje eu iria chegar aqui e eu ouvir a resposta dessa reivindicação que a população fez naquela plenária. Então eu acho que é isso que a gente tem que discutir aqui: resolver esses pontos que a população pede, continuar o diálogo, porque ele não aconteceu depois, não tivemos resposta. É isso que eu acho que a população precisa e merece aqui no Distrito de Anhanguera. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Vou passar a palavra para a SPTrans, e anunciar que a gente, depois, vai escutar Valdilene, José Edegar Pipoca, Willams Fernandes da Silva - Mad; Jaqueline Marim e Jorge Mendes, que são os próximos cinco. Mas antes passo a palavra para que o representante da SPTrans faça as suas considerações.

SPTRANS – Bom, gente, vamos tentar resolver por etapas, para vocês poderem tendo claro.

Nós ouvimos o Paulo, que veio, falou do valor do terreno de novo e tal.

Primeiro é o seguinte: todos os imóveis que estão na quadra naturalmente deverão ser desapropriados. O processo de análise de custo é baseado no valor venal do imóvel, que é o valor que está no carnê do imposto.

Terceiro: todo mundo sabe que todo mundo reclama que o valor que a Prefeitura paga pelos terrenos para poder desapropriar é baixo, porque eles querem um valor maior.

O que eu estou querendo dizer para vocês é o seguinte: não existe preocupação, não precisam se preocupar de que a SPTrans possa pagar um terreno com um valor mais caro do que ele vale.

A conta que o próprio Paulo apresentou dizendo que no máximo, no máximo custa 800 reais o m², se vocês verificarem, o terreno tem 18 mil metros quadrados, só aí vai dar 18,4 milhões de reais. Não tem segredo a conta. Vamos ficar despreocupados com essa coisa de valor porque o Ministério Público vai pra cima, o Tribunal de Contas vai pra cima, a Justiça vai pra cima. O valor que a gente pagar é o valor que tem de pagar, não há risco de pagar mais.

Esse não é um problema.

Até porque ali há um monte de gente que vai falar, e é claro que se desejarem falar novamente, estamos aqui pra ouvir, enfim, pra responder de novo. Mas é então pra superar essas questões e dizer: isso está resolvido.

Outra questão que está resolvida – e acho que foi o Vanderlei que falou, que nesta primeira etapa de manifestações, falou de novo de vir aqui e fazer projeto. Não! Isso está superado. Ninguém veio aqui, trouxe vocês pra poder enganar, como falou o colega, ninguém veio dizer isso! Nós viemos aqui dizer o seguinte: lá atrás tinha essa proposta, nós viemos aqui e vocês disseram “não”. Aí, Mário, respondendo pra você, essa é uma coisa que eu tenho dificuldade, eu falei com você pelo telefone, não foi uma vez, foram várias, e quando eu vim aqui, eu vim porque eu pedi pra vir. Hoje eu fui convidado, tenho muita honra de estar aqui junto com vocês. Mas se eu tivesse sido convidado pra vir naquela sessão, naquela audiência em que tinha mais de 160 pessoas, eu teria vindo porque acho ótimo que a gente converse com o povo.

Eu quero saber, de fato, os pontos, aonde vocês têm problemas e querem que a gente estude porque o primeiro item do seu documento, que você acaba de ler, que você mandou email pra mim, é desse prédio administrativo, e ninguém quer que faça! Eu não entendi, não entendi. Então quando eu vou, o prédio que está aqui, tem que ir lá fazer banheiro, fazer isso, e é o prédio que está aqui... Percebe?

Pode falar, pode falar!

- Manifestação fora do microfone.

O SR. MÁRIO – Não quero aqui fazer debate, mas eu tenho que responder. Se vocês tivessem com disposição de ouvir, de querer saber o que a população quer, desde o dia 24 de junho, então 24 de julho, 24 de agosto, vai dar três meses. Vocês poderiam ter convidado à população: olha formem uma comissão, venham na SPTrans e vamos discutir os pontos que vocês querem. Acho que é assim que tem de funcionar. Por que não fizeram isso,

por que não deram resposta? Agora você vai dizer que se tivesse chamado naquela plenária, a gente vinha... Mas faz três meses! Por que não chamou a população pra discutir esses pontos? Essa é a pergunta.

O SR. SALVADOR KHURIYEH – Dona Ivone, não sei identificá-la. (Pausa) Está aqui a Dona Ivone. Ela ligou pra mim, faz um mês, pedindo pra eu receber uma Comissão. Eu disse que estava disposto. Tentei ligar várias vezes, o telefone dela deve ter registro de 10, 20 ligações pra gente poder marcar, mas não conseguimos. Eu liguei pra ela pra dizer que ia haver essa audiência pública, ela já sabia, claro, porque é articulada, é líder na comunidade. Então não tem esse problema de a gente conversar, não tem preocupação.

Precisamos então definir o seguinte: vamos avançar na discussão dos pontos que o Vereador Police Neto citou: o que é o Itaberaba e qual é o problema do Sol Nascente?

Pode falar, pode falar.

- Manifestações fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Mario, há uma questão fundamental aqui que é avançar. Eu não vou ficar brigando pelos três meses de atraso porque vou perder três meses pra frente. Acho que é mais importante o Transporte, que aqui nós vamos qualificar e não a semana que passou ou a semana que vamos perder, pra frente.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – É isso que estou dizendo! Se a gente tem aqui a equipe pra gente *tirar* um pouco de respostas, eu não vou perder a possibilidade de tirar respostas de quem está aqui, não vou mesmo.

O SR. SALVADOR KHURIYEH – Veja, o Vereador Police Neto aqui fez veemente manifestação em defesa de envolver o Governo Do Estado, os deputados estaduais, até porque precisa envolver pra poder garantir faixa exclusiva para transporte na rodovia. Nós estamos de pleno acordo, *topamos* entrar na discussão, ajudar na discussão até pra poder discutir: ou faz a reserva de uma das faixas existentes ou discute a ampliação, o alargamento

pra poder fazer mais uma faixa pra transporte coletivo.

A Rosilda estava me lembrando do caso da agulha, lá na ponta, onde tem a Avenida Alexandre Colares. O caso específico da Alexandre Colares, uma das pessoas falou do congestionamento. E pra terem uma ideia, nós, por iniciativa da SPTrans, fomos apresentar ao Ministério Público para que ele pudesse agir diante do Governo do Estado, diante da concessionária e assim nos permitir fazer a obra pra poder melhorar as condições de acesso, mas não tivemos resposta até hoje.

Vejam, não estamos falando linguagem diferente, estamos falando a mesma linguagem. Eu sugiro...

Rosilda, há uma discussão sobre a linha 8050-31, o Paulo falou que ela é experimental. Depois eu gostaria de ir, como disse o Vereador Police Neto, de ir pra gente poder discutir sobre quais são os problemas existentes e a gente poder aproveitar.

Só um minuto. Depois eu volto a falar, não tem problema algum.

Falei sobre a linha.

A SRA. ROSILDA DOMINGUES (?) – Sobre a linha 8050-31, ela não é experimental. Ela é um atendimento, é uma linha complementar à linha 8050. Quando há um código diferenciado, é um código nosso de fiscalização. E todos os códigos diferentes de 10 ou 11, eles são complementares à linha base. E o código 31 não é experimental, é uma linha comum só que complementar a linha 8050-10. Ela faz itinerário diferenciado, a demanda é diferenciada e por isso não opera todos os dias em todos os horários. Então, é isso.

Agora falando da linha 8014 – E alguém falou dessa linha – se tiver algum problema com a mudança que foi feita, fazemos nova vistoria inclusive junto com quem reclamou.

Se o problema é a questão da manobra, não vamos colocar a vida de ninguém em risco se o carro não puder fazer a manobra. Se o carro tiver de fazer uma manobra de ré, por exemplo, ou se pegar alguém – e já houve acidente desse tipo – tem que fazer vistoria. Se não

tiver como fazer a manobra, não vamos mesmo recomendar essa alteração. Isso é muito comum aqui na região de vocês. Tem lugar em que o ônibus não sobe, e isso é complicado. Se for pra colocar a população em risco, não vamos fazer mesmo essa alteração.

Agora, a 8014 nós podemos rever. Estamos anotando aqui.

Alguém aqui falou que a gente não vai na região? (Pausa) Desculpe, se você quiser vir...

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Monica, estão ainda inscritos...

Por favor, pessoal, há uma questão fundamental, é quanto à questão de organização pra gente conseguir terminar. Há um compromisso com o CEU de a gente entregar o prédio às 20h, mas também é importante escutar a todos.

Há mais cinco inscritos, vamos deixar que falem os inscritos e depois fazemos um pinga-fogo, não há problema algum, e assim ganhamos qualidade no debate.

O SR. MARCELO – Como é mesmo o seu nome? (Pausa)

Rosilda, a linha 8014-10 operou nesse ponto final mais de 10 anos, e há mais de 10 anos, sempre fez manobra lá e nunca houve um acidente. Nunca houve nada. Acontece que a SPTrans fez a mudança, de um dia pro outro, aliás, avisou que ia fazer a mudança, mas não explicou o motivo. Eu tive que procurar um vereador da Câmara Municipal pra mandar um ofício pra vocês, e a resposta de vocês foi a seguinte: “Mudamos a linha porque não tem condições de fazer manobra e por colocar em risco”. E essa região que ela atendia ficou desatendida. Ou seja, é mais fácil a SPTrans pegar e mudar do que fazer outro projeto, fazer com que a linha passe, e que não faça o ponto final, mas que pudesse passar por lá, fazer o retorno e fazer outro ponto final. É mais fácil vocês mudarem uma coisa do que tentar melhorar.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – O que o Marcelo coloca é o seguinte: o esforço que a gente tinha no 22 é que o ponto onde ele estava, primeiro, ficava na frente de um mercadinho, que dava cobertura a toda população porque a gente não tinha nem ponto de abrigo. O que acontecia? Tinha uma equação precisa que era utilizar o ambiente interno do

mercado pra poder atender às pessoas. E a gente perdeu então duas vezes: porque o ponto final saiu dali, foi pra uma área muito distante, que não tem nada. O que o Marcelo fala é desse detalhe, é a sintonia fina dessa mudança.

O SR. MARCELO – O que a SPTrans fez, há dois anos, na Francisco Bellazzi é que tinha um ponto de ônibus, em frente à Zoraide e, do nada, a SPTrans mudou o ponto, ou seja, quem precisa pegar o ônibus pra ir à Lapa ou o noturno, esse ponto não vai mais atender. Como é que fica?

A SRA. ROSILDA DOMINGUES – Eu anoto e a gente faz a vistoria, inclusive junto com você, se for o caso. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Tem a palavra Pipoca, Mad, Jaqueline, João Fernandes Pequeno.

- Manifestação entre os presentes.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Qualquer um pode ler o que está aqui escrito. (Pausa). Tem a palavra Pipoca.

O SR. JOSÉ EDMAR PIPOCA – Boa noite a todos, a todas. Cumprimento a Mesa. Sou morador do Morro Doce há 25 anos. Quando se pensou nessa mudança na gestão passada, nós nos reunimos e não concordamos. Fizemos várias audiências, fizemos vários documentos. Aqui há várias pessoas com as quais estivemos juntos. Eu fui a vários órgãos protocolar documentos que nós fizemos porque não concordávamos com a forma como fariam a mudança.

Quero ser breve, muitos falaram, não vou repetir o que já falaram. Só pedir que nessas adequações que vão fazer, lá tem o Bairro Maria Trindade, que é onde melhorou um pouco, depois de muita luta, pra ter lotação daqui pra lá, mas que ainda não consegue atender todas as necessidades, que é ver se leva do Maria Trindade até o Morro da Mandioca. Lá há um pessoal que sofre com a questão do Transporte.

Agora quanto à questão do Terminal que vai ser construído, dá pra tentar uma PPP,

uma parceria pública. Hoje com a mudança feita pelo Plano Diretor, aquela área é muito grande, são mais de 23 mil m², dá pra construir um terminal, tem projeto de uma UPA e acho que uma Parceria Público Privada dá pra construir algo como um mini shopping ou alguma coisa, o bairro está crescendo, construir alguma coisa que venha favorecer a nossa região.

É isso aí!

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Obrigado, Pipoca. Vou pedir desculpas à Valdilene, que era a próxima. Fala agora e depois fala o Mad.

Tem a palavra Valdilene Oliveira.

A SRA. VALDILENE OLIVEIRA – Boa noite. Sou moradora do Sol Nascente. Vi que no estudo de vocês, vocês não colocaram a área do Sol Nascente, que tem muitos moradores. Essa área que vai crescer agora com novas moradias que estão por vir no Sol Nascente, do outro lado onde tem o Sulina, e vocês não incluíram o Sol Nascente, que é um bairro precário, só tem uma linha, a 8040-10, e que vai por dentro. A gente tem atrasos constantes, atrasos constantes da linha, já pedimos melhoria pra linha, tem a questão das lotações que atrasam o transporte. Isso a gente liga, reclama e não tem uma resposta.

Acho que os recursos já existem, a gente como população exige que esses recursos fiquem e não seja investido em nenhuma outra área porque o bairro tende a crescer. A gente quer saber se o recurso vai ficar aqui pra se investir. Eu, como moradora do Sol Nascente, peço que fique no Sol Nascente porque a gente só tem uma linha.

Agora mesmo, antes de *vim* pra cá, eu desci na Lapa, eu peguei o 8013, que é o terminalzinho, pra chegar até aqui, porque a gente fica 40 minutos no ponto, não tem ônibus, tive que enfrentar três filas, os ônibus vivem lotados. E ainda tem a questão que, o ônibus ele vai por dentro, até ele chegar no ponto 18, ele vai pegando todo o pessoal dos outros bairros. Tem a questão, também, que precisamos ter integração com a linha de trem. Muitas vezes você pega um trem, vem até a estação Vila Clarisse, são 15 minutos da Estação da Luz até

Vila Clarisse, você perde mais de uma hora entre a estação até chegar aqui, porque a gente perde tempo com Sol Nascente. Até você conseguir entrar no Sol Nascente, demora 40 minutos, no ponto, que é deserto, sujeito a assalto, é descoberto. Então tem essa questão da infraestrutura nos pontos de ônibus, não é adequada para ninguém. Para mim, que sou mãe, também tem idosos no bairro e você precisa se deslocar muito e ficar exposto nos pontos. Eu como moradora exijo que essa verba não seja investida em nenhuma outra área da cidade que fique na nossa região, que seja no Sol Nascente, que seja em outro bairro aqui Maria Trindade, qualquer um ou outro. O recurso você tem, certo? O recurso existe. Então que fique aqui. Que seja investido aqui porque a população do Sol Nascente, ela tende a crescer com nova área que vai ter. No mínimo 2.500 famílias, imaginem isso em uma linha de ônibus que já não comporta a população que tem. Quase 25 mil habitantes por uma linha só, não dá. Hoje mesmo fiz uma reclamação no 156 com relação a isso. Fica no ponto de ônibus de manhã. A lotação fica segurando o ônibus e aí você tem quatro ônibus, um atrás do outro, você chega atrasado no seu trabalho por conta dos atrasos do ônibus. Muitas vezes é por fiscalização mesmo da SPTrans e por conta da lotação mas a gente liga e reclama passa para a Prefeitura, como se fosse ela a resolver, mas a SPTrans também acho que tem um respaldo para gente. Temos apenas uma linha de ônibus para 25 mil pessoas. Temos que ousar. O Sol Nascente fica uma hora na fila esperando, ele gasta uma hora até chegar no bairro ou a gente vem aqui por baixo pegando o Morro Doce. Desce aqui no ponto caminha até o ponto de ônibus você fica lá: vinte, trinta minutos, esperando o ônibus para subir quando tem e sendo exposto a vários assaltos, também. Muito obrigado!

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Obrigado Valdirene. Chamar o Mede, a Jaqueline são os próximos a falar.

O SR. _____ - Respondendo a uma Munícipe, na reunião que tivemos em junho com 161 pessoas, nós havíamos comentado e até combinado de que iríamos para chamar para essa audiência, ia passar um carro de som para anunciar. Muito

bem. Não menti. Na verdade foi lançado em toda mídia, esse evento, que foi chamado inclusive a creche, minha filha estuda aqui desse lado ando 13km para trazer minha filha na creche, entre ida e volta. E é de frente ao pontão que o pessoal estão falando ai. Como foi muito divulgado, fiquei com medo de passar um carro e não ter espaço para tantas pessoas e prova disso acabaram pelo evento que houve aqui, infelizmente uma triste noticia para gente, acabaram de assassinar um motoqueiro no Sol Nascente, porque confundiram com policial e devido a manifestação querendo segurança acabaram de provocar mais uma morte no Sol Nascente. Então só para entenderem que tudo para nós é difícil e principalmente quando se trata da mobilidade. Fico triste porque as pessoas infelizmente não souberam conversar quando aqui entraram. Eu também culpo um pouquinho o povo lá por não ter paciência, mas acabamos de perder uma vida quarta feira. Imaginam vocês, um filho perder o pai. Nove tiros no assalto. Cinco tiros acertaram o pai imaginam como está essa família, imaginam como está o povo do Sol Nascente. E porque estou falando isso? Não ia nem comentar. Acabou de chegar, estamos aqui acompanhando, parece que não, mas tira o telefone da gente a gente fica inerte na coisa. Então não precisamos só da mobilidade. Uma coisa é certa, Sr. Salvador. O que foi decidido com a população, com a presença de 161 pessoas, se vocês de fato - não estou aqui criticando vocês em nenhum momento – mas pedindo para vocês olharem com mais carinho. Se vocês tivessem lido esse e-mail que foi decisão do povo, tinha mudado a história e não estávamos aqui a 1h32 minutos discutindo. Isso é um fato. Estaríamos aqui com outra percepção. Uma coisa interessante. Acabei de receber uma ata que vocês tem ordem sim, tem despacho para utilizar Hum milhão 477 mil 997 reais e 16 centavos para reforma do pontão. O que estamos pedindo para vocês? Que não mande esse dinheiro embora. O que nós ficamos sabendo é que não ia ter mais nada e tchau. O dinheiro foi embora. Agora essa pergunta faço aos conselheiros – só levante a mão se eu tiver mentindo – chegou para o conselho participativo que a ordem estava dada e que o dinheiro não ia ser mais utilizado e que ia embora todo mundo. Levante a mão se estou falando a verdade. Muito bom. No Conselho

Participativo criado pelo Governo Haddad simplesmente foi chegado a nós, que não ia ter mais investimento porque aqui as pessoas receberam com maus olhos essa reforma, e simplesmente não ia ter mais e acabou e ponto. Foi quando criou-se essa perspectiva de acontecer essa audiência. Inclusive o Mede, representando, o Conselho Participativo foi à Câmara Municipal de São Paulo pedir na época, ao nobre Vereador José Police Neto, que provocasse essa audiência para que vocês pudessem vir aqui para falar conosco. Imagina assim: o trabalho não é um trabalho de um ano, mas de anos que vem aqui. Começamos com a paróquia Cristo Rei, e a nossa senhora das Graças houve já um contato, inclusive lá atrás com a própria Santa Brígida que acabou quase com o povo se matando. Era estapeando e tudo mais por conta dessa implantação maluca. Nós, entendemos porque estamos aqui. Vocês estudam e normal. Estudam para isso, ganham para isso. Mas o que a gente precisa não é só do estudo técnico que muitas vezes é feito via satélite. A gente quer, como a senhora acabou de falar eu quero vir aqui, quero acompanhar. Uma coisa que admiro e não estou aqui enchendo a bola, mas cobro muito, eu creio que ele hoje faz isso por conta da gente cobrar tanto, o Police Neto. Tem andado muito no bairro e por isso, talvez saiba com tanto conhecimento das nossas dificuldades. Basta perguntar para qualquer um, não importa o partido. Uma coisa interessante onde estão os outros? Precisamos dos outros. Porque aqui é uma cidade de 240 mil habitantes dentro de um bairro e o voto é secreto. Só que temos de aprender votar secretamente, mas saber em quem vota e cobrar deles. Agora fica muito ruim para gente, quando não temos uma resposta como o Mário acabou de falar para o senhor, não leram, ou se leu, não foi comunicado e aí a gente fica desgastando. Tem o nosso tempo e tem esse incidente que poderíamos ter aproveitado até para dar um alento àquelas pessoas que vieram aqui, porque nós somos assaltados no Sol Nascente todos os dias. Sem exceção. Quilometro 22 não consegue, é segregado. Temos Hum milhão e meio então vamos conversar com a Autoban, e Atesp para dar o acesso do Sol Nascente. A Vila Sulina, se você se perder vai ter de pagar pedágio. E não tem jeito. Vai pagar pedágio. Vamos trabalhar esse dinheiro,

vamos usar para o bem comum. Ah, mais ali depende de ordem do Governo. Tá bom!

Os Vereadores que aqui estão, agora incluo o Toninho, incluo o Neto, tem conhecimento com alguns deputados estaduais que nós elegemos. Pô! Para não falar palavrão. Vamos ser mais educados. Pô! Vamos procurar esses caras, nos juntar, formar comissão. Tem comissão aqui: o Sol Nascente, o Morro Doce, Perus, hoje, têm representantes. Vamos procurar esses representantes? Mas aonde que vou encontrar? O Conselho Participativo está aí, também há outras lideranças.

Se foi criado um Conselho Participativo por que esse negócio, que dizem foi criado para fiscalizar inclusive as obras do próprio Governo Municipal, não funciona, não nos consultam? Quando vem a coisa para a gente já vem mastigada.

Eu participo, hoje, ativamente da política do meu bairro porque fui lacrado há 10 anos. Aprendi que precisava andar mais junto ao Poder Público, acompanhar e fiscalizar, porque senão eu não era. Eu não tinha consideração como ser humano. Fui tratado como ladrão quando lacraram a minha loja. Fica muito difícil.

Então o que a gente pede? Que esse dinheiro que vocês estão com ele aí, 1,400 milhão, que seja utilizado, de fato, no 22, na Vila Sulina, no Sol Nascente, na Maria Trindade e possa nos dar, pelo menos, capacidade de mobilidade. Porque nós queremos, de fato – isso é fato -, nós temos necessidade de um transporte de qualidade. Basta você vir de manhã, das 5h até às 8h, que dá trabalho de entrar em um ônibus. Não vou nem falar do 22 que ninguém entra.

Muito obrigado. É isso aí. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) - Obrigado, Med. Jaqueline Marin.

A SRA. JAQUELINE MARIN – Boa noite. Não faço parte de nenhuma liderança, nenhum partido. Primeiro, eu não queria levantar polêmica, mas observando a mesa, as pessoas, até o Vereador Police, estavam muito interessadas, os outros três algumas vezes ficavam muito perdidos no celular, conversando paralelamente. Eu acho que é do interesse de

vocês. Se eu fizesse qualquer pergunta referente ao que as pessoas falaram agora vocês saberiam me responder?

O senhor que balançou a cabeça foi um que veio aqui perguntar o que estavam perguntando para o senhor.

Então, primeiro respeito à população. (Palmas)

- Manifestação na plateia.

A SRA. JAQUELINE MARIN – Vocês estão sentados aí para poder ouvir a população.

Segundo, qual é o embasamento que vocês têm? Tudo bem que vocês estudam, fazem... qual de vocês veio até aqui, pegou um ônibus, andou na linha, fez esse estudo com embasamento?

Eu convido vocês todos da mesa a passarem uma semana andando de ônibus comigo. (Palmas)

- Manifestação na plateia.

A SRA. JAQUELINE MARIN – A partir do momento que eu verificar que vocês todos têm embasamento no que estão falando, aí a gente pode falar que vocês estão certos. Agora, um dado experimental ou um dado via satélite ou um estudo, desculpa, a teoria aqui é muito bonita.

Esse projeto, pelo que sei, foi feito em outra gestão e não foi aceito. Agora, vocês querem que a gente engula um projeto de outra gestão, porque outro prefeito não autorizou, então a gente coloca esse aqui para enganar. Não para enganar, para ludibriar.

É dinheiro público investido.

A gente sabe – não estou chamando aqui ninguém de corrupto – mas todo projeto público tem um desvio de verba. Isso ninguém consegue fiscalizar, nem Ministério Público, o senhor falou do Ministério Público, falou das verbas que são fiscalizadas pelo Governo. Não existe verba fiscalizada pelo Governo, porque é o Governo quem rouba verba. (Palmas)

Então a partir do momento que tem esse problema, você pegar uma verba para fazer um paliativo num sistema que já não está dando certo, eu também desacredito.

Há uns três anos, eu e o Professor Jorge fomos até a Subprefeitura e a gente saiu de lá com um documento assinado, onde já dizia sobre nesse terreno, que eles estavam tentando comprar, lá teria uma UPA e uma sede da Subprefeitura, porque além de tudo nós não temos Subprefeitura aqui, não somos bem atendidos em relação a nada. Sei que não é a SPTrans que tem de resolver isso, mas nós saímos de lá com documento assinado de que haveria essas reformas.

Então, já que haverá esse novo projeto, a população já viu e não aceitou esse paliativo que vocês deram, esse recurso pode ser extensível a essas readequações de linha para investimento de ônibus, ou esse dinheiro será perdido? Porque isso não ficou claro.

Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Tem a palavra o Sr. Jorge Mendes.

O SR. JORGE MENDES – Boa noite a todos. Sou morador do Parque Anhanguera há 40 anos, e professor.

Um motorista de ônibus esteve falando de suas dificuldades de trabalhar na região. Essa questão vai muito além do terminal, porque há também a questão do asfalto nosso. Como que alguém consegue transportar a população nesse asfalto que é jogado nas nossas ruas, que jogam só a borra do asfalto de Perus no nosso distrito. Então é preciso pensar numa logística toda, não só no ônibus em si.

Sinto a ausência do Subprefeito de Perus nessa discussão tão importante. Por isso que defendo a ideia de haver uma Subprefeitura em Anhanguera, separada de Perus. Nada

contra Perus, cuja população nos trata tão bem, mas é uma questão administrativa, pois somos mais de cem mil pessoas nessa região.

Outra coisa, o transporte deve integrar a população. E nós temos um bairro cortado por uma rodovia que, para visitar uma família do outro lado, tenho que pagar pedágio, ou então ir até o km 18 da Via Anhanguera. Portanto, temos de pensar numa forma de podermos ir até o outro lado, e vice-versa, sem ter que pagar pedágio ou fazer essa volta toda.

Nós temos um ponto de ônibus, na Anhanguera, na bifurcação da entrada do posto Ipiranga, onde a população, ao desembarcar, tem de passar pela pista para chegar até a calçada. Então, aquele ponto tem de ser pensado urgentemente, ser transferido pouco mais à frente.

Todos os nossos pontos de ônibus aqui na vila são abertos, mal iluminados, com índice de assalto muito grande, e somente uns três ou quatro pontos são realmente fechados com cobertura. Foi noticiado há pouco tempo que a linha mais perigosa de São Paulo é a Anhanguera, então, acho que esse dinheiro seria muito bem gasto na reorganização de toda a estrutura para o ônibus: os pontos devem ser em locais bem iluminados, com cobertura, e com uma estrutura um pouco melhor nos pontos finais para atender os trabalhadores da região.

Somos tão carentes do Poder Público no nosso bairro. Então, como é bom os senhores estarem aqui. A população, em vez de quebrar ônibus, atacar fogo, está ocupando este local. Então, deem atenção para esse povo, para nós que moramos aqui, nessa questão da segurança e em todas as outras questões.

Acho que precisamos marcar um encontro com aquele povo e com todas as outras regiões para discutir a segurança, sim, que é uma questão em que nós estamos aqui abandonados. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Muito bem. Agradeço ao Professor Jorge. Fica o compromisso meu e do Toninho, de trabalharmos pelo menos até o fim da semana que vem para tentar reunir para não só eu e ele, mas outros se articularem conosco

para realizar essa reunião, seja aqui ou qualquer outro lugar. Urge fazermos essa reunião porque, de fato, depois do episódio de quarta e do de hoje, se uma resposta não for dada, a violência pode aumentar, e isso é um prejuízo para todo mundo. O professor tem toda a razão.

Tem a palavra o Sr. Devair Guerra Sobrinho, Presidente da Associação Amigos da Vila Sulina. Depois, Norma dos Santos.

O SR. DEVAIR GUERRA SOBRINHO – Boa noite a todos. Primeiramente, quero agradecer a Mesa e à população presente. Muitas vezes, se formos somente cinco, não somos respeitados, porque o bairro é grande; mas nós nos lembramos sempre de que a receita do bolo é pequena, e o bolo se faz crescer pelo fermento. São as pessoas presentes que levam para a comunidade tudo o que acontece aqui. São essas pessoas que vão acreditar nessa comunidade que está aqui presente sobre tudo o que será decidido hoje. Por isso é importante que o que vocês sejam sinceros naquilo que vocês colocam. É importante que o que seja coloca aqui seja levado adiante. Muitos irmãos colocaram aqui que mandaram e-mails, mas não tiveram resposta. Não temos tempo para responder tudo. Eu também trabalho com isso, sei que é difícil.

Temos que, primeiramente, pensar no que é mais importante na associação, no bairro onde vivemos, onde moram mais de 100 mil pessoas. Quando fazemos uma reunião, tanto pode haver 500 mil pessoas, 100 mil pessoas ou 10 pessoas.

Represento a Vila Sulina, bairro que é cercado pelo cemitério, pelo Rodoanel e pela Anhanguera; onde só há uma entrada, que serve também para saída; onde muita gente entra e pergunta: “Será que eu posso entrar? Será que eu vou conseguir sair?”.

Isso gera polêmica na região. Se vocês olharem para a plateia e perguntarem quem é da Vila Sulina, podem não encontrar muita gente; mas sempre represento o bairro onde moro, pois nasci na Vila Sulina numa época em que o bairro eram apenas 5 casas, e o resto, mato. Acredito na comunidade de onde estou. Mesmo estando aqui hoje com uma ou duas pessoas, se eu levar o que está acontecendo aqui hoje, todos vão acreditar, porque eu trabalho

com a verdade. Eu gosto que a Mesa faça parte dessa verdade com a gente, porque essas pessoas merecem consideração. Ninguém saiu de casa hoje ou deixou de cuidar de seus filhos para vir aqui simplesmente para participar de uma reunião e dizer a seu amigo: “Estive numa reunião, e você não foi”. Não, as pessoas vieram porque têm compromisso com elas mesmas, com a família e com a comunidade onde moram.

Primeiramente, agradeço a todos. Em seguida, coloco ao pessoal da SPTrans que, quando foram ao nosso bairro; quando me ligaram quando eu trabalhava em Franco da Rocha, e estava liberada a perua para rodar no nosso bairro, eu fiquei muito feliz. Eu saí de Franco da Rocha e disse ao meu patrão: “Preciso ir porque é um caso muito importante”. E não somente o meu bairro é importante: todos nós aqui somos unidos. O Sol Nascente faz parte do meu bairro, o Morro Doce faz parte do meu bairro. A gente não vive um sem o outro. Ninguém vive sem o próximo, e precisamos estar unidos para conquistar nossos direitos e cumprir com os nossos deveres e obrigações. Nós pagamos impostos para isso, para hoje podermos cobrar. É isso o que a população aqui está querendo, somente cobrar pelo que paga, ter direito àquilo que já paga há muitos anos.

Se eu tenho verba ou não tenho verba, então coloque: “O que eu posso é fazer isso” para a população. Tem jeito de fazer? Tem. Se não tem jeito de fazer coloque o que é real, porque colocar na tela é muito fácil, gente, é a mesma coisa que colocar uma novela e dizer: “O final vocês decidem”, e a gente sabe que não é a gente que decide, porque o final está com vocês.

E eu queria pedir à minha colega que falou que a gente poderia estar pedindo, e eu preciso que vocês vão ao nosso bairro fazer uma pesquisa, porque já aconteceu de ônibus ser parado na rua e o pessoal ir na minha casa, dez hora da noite, para resolver o problema. Eu nunca liguei para a SPtrans para reclamar disso, porque a gente faz com amor e carinho e pelo que vocês fizeram pela gente, mas a gente está aqui reclamando aquilo que vocês possam fazer. A violência que aconteceu aqui hoje a gente sabe, eu sempre fui contra a greve e fechar

a Anhanguera. Sabe por quê? Amanhã eu posso estar com o meu filho no carro para ir para o pronto socorro e a Anhanguera estar fechada e o meu filho vai morrer no carro. Não vai resolver o problema e nós temos várias formas de resolver e vocês sabem que pode ser resolvido e a gente quer isso, que vocês resolvam o problema que é tão simples de resolver. A gente não quer que espere acontecer o pior, com acabou de acontecer novamente, para a gente está resolvendo. Isso vai acumular muitas e muitas vezes.

Eu não vou falar mais. Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Tem a palavra a Sra. Norma dos Santos. Depois o Pequeno, Elke e Caroline.

A SRA. NORMA DOS SANTOS – Boa noite. Eu vou fazer um apanhado de tudo, porque muitas coisas já foram faladas. Primeiro lugar, Dona Rosilda, só queria te agradecer, porque você mostrou aquele tumulto do transporte na Ponte da Anhanguera. Realmente a gente fica lá. Terça-feira eu fui ao médico e fiquei uma hora e dez naquele trânsito, mas não é o povo do Morro Doce que faz isso. Fizeram uma ponte que vai cair na Marginal Pinheiros, se a senhora for lá a senhora verifica quantos ônibus e carros passam lá. Então a pergunta é: será que não poderia quebrar aquela ponte, ao invés de cair para a Marginal, cair lá na frente, no Extra e ali ser um caminho de ônibus. Não, a gente fica ali realmente.

Outra coisa, a SPtrans, infelizmente, eu ligo sempre no 156, porque o nosso querido Prefeito, meu não, graças a Deus, tira todas essas linhas e não pergunta se há necessidade o não. Infelizmente não é a Santa Brígida que não coloca ônibus no 22, não é a Santa Brígida que não coloca na Trindade, não é a Santa Brígida que não coloca Barra Funda, é a SPTrans. (Palmas) Se a gente tem direito a 50 ônibus, a Santa Brígida pode colocar 20, 70, 80, SPTrans vai lá e fala: “Eu quero só dez” e acabou. E se ela colocar um a mais a SPTrans multa.

Outra coisa, não adianta vocês falarem das peruas. O que ajuda a gente a chegar e a sair, infelizmente, é a perua. Como eu ia falar do jornal, que nós somos Rede Globo, nós

somos Estado de S. Paulo, nós somos o Agora. Mas se perguntou não foi por causa disso. A entrevista era a seguinte: “Por que na Via Anhanguera, nos pontos de ônibus, não tinha iluminação”. Foi-se cobrado do Federal e o Governo. Nenhuma resposta saiu no jornal e nem na Globo se eles iam ou não fazer a iluminação. Eu leio todos os dias os jornais e todos os jornais eu acompanho, não fico caçando Pokemon, e eu acho que é isso que a população tem que começar a fazer, se informar para cobrar. Infelizmente ficou aquele jogo e ninguém deu uma decisão se vão ou não iluminar os pontos na Anhanguera. A Marginal não era iluminada. Por que ela é iluminada agora?

A Marginal não era iluminada. Por que ela é iluminada? Por que a Anhanguera não pode ser iluminada? É Governo Federal? Por que não pode? Ali é transporte que leva e traz moradores. Raramente é feriado e é na sexta-feira que o pessoal vai viajar. É isso o que a gente não entende.

A gente mora na zona Oeste? Moramos. Mas onde está a dignidade do povo? Recrimino também, como recrinei no ciclo bíblico – eu sou da igreja -, quando o morador me diz que vai anular o voto, vou justificar. Eu digo que isso não é papel de cristão. Por que se a gente tem que recriminar é na urna e a gente tem de parar de ficar passeando no *Face* ou é a eleição. Vamos pesquisar. São todos ruins? Mas tem alguém melhorzinho. Vamos pesquisar para quando a gente cobrar, cobrarmos o correto.

Como população, temos de cobrar esta Mesa conscientemente. Temos de ter a consciência, Rosilda, de que quando a gente fala em transporte, a nossa Linha 31 não é complementar. Ela está como experimental. Você pode ir ao Mercado da Lapa. A gente fica lá não 40 minutos, aquele 8050-10 que você disse que a 31 é complemento, é um trajeto diferente da 8050-10 e você conta quantos ônibus 8050-10 saem e você conta quantos ônibus 8051-31 saem. Temos de pensar na necessidade.

Eu não saio de sábado e domingo porque já cansei de sair durante a semana. Quando falam que eu preciso ir ao Centro, a Lapa, eu não vou porque não tenho condições.

Isso é complicado.

Eu que dei a sugestão daquilo que o Mario falou. Então, Salvador, não é que a gente está dizendo que vamos fazer melhorias ali para não querer. Nós não queremos um ponto estendido ali, mas a questão é que chego ao ponto da perua às 5h. Se você chegar às 5:15, o senhor começa a ver os estudantes chegarem. Já falei isso para o Police Neto.

Você desce às 5h no 8622, 8050-10, 8051-31, você vê a quantidade de estudante. Por quê? Porque não temos colegiais aqui descentes para os nossos filhos. (Palmas)

Nossos filhos e sobrinhos têm de sair de Morro Doce para estudar na Lapa, na Pompéia, no Centro, para fazer um colegial. Nós não temos. Então, a única coisa que a SPTrans pode fazer é melhorar.

Pedimos e por que não um Barra Funda, um Terminal Direto Parque Dom Pedro? Agora, esse negócio de sair do 8622 Morro Doce, vamos até o Terminal da Lapa e de lá você se transporta, isso, Rosilda, sinto muito, está fora de cogitação. (Palmas)

Por quê? Venham conosco. Vamos fazer uma coisa, venham às 4h30, todos os dias, nesses pontos. Eu entro às 8h e levanto às 4h15 para as 5h sair de casa e para pegar a perua aqui. Não adianta falar para pegar o 8622 que às 5h30, quando eu desço já tem 5 filas. Eu não sei quem inventou aquela cobertura. É um pedaço, um espaço aberto, outra cobertura; um tem que amassar o outro porque toma chuva.

Então, infelizmente, Sr. Salvador, e a mesa não falou nada, nós, moradores do Morro Doce, Ananguera, zona Oeste, Perus, tem senhoras que moram no XXII que vêm a pé. Não adianta falar porque essa verba tem que vir.

Enquanto estamos falando em melhoria no Terminal, não é porque queremos o Terminal, mas porque tem o ponto estendido. Quem criou foi a Marta.

Eu, por exemplo, chego no ônibus, quando chego no Terminal não tenho um banheiro, um bebedouro e, quando chove, o senhor corre ou fica na chuva e se molha.

Então, é melhoria. Nós não queremos o Terminal ali. Só até vocês resolverem

comprar o terreno e fazer.

Quando a gente fala essas coisas é porque somos moradores, não queremos briga nem nada. É só isso.

Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – O Sr. Nei; depois, as Sras. Elke e Carolina.

O SR. NEI – Boa noite.

Na verdade, eu fiquei pensando se falava ou não, porque, claro, me contemplam as falas de todas as pessoas.

Mas resolvi fazer uma fala para sensibilizar os companheiros, as pessoas que estão nessa mesa, porque o que esse povo está falando não começou ontem, mas há muitos anos. Eu também sou pobre ainda e me orgulho disso. Não sou pobre porque eu quero.

Então, eu acho que vocês têm que se sensibilizar, porque a gente quando ouve muitas vezes a mesma coisa termina se calejando e achando “mais uma vez, falaram a mesma coisa; de novo, estão repetindo; a gente já sabe o que vão falar lá”.

Por que vocês já sabem? Porque falta ação. Vocês precisam se sensibilizar porque vocês são um Poder e estão aí para resolverem as coisas. Não é para ouvir. É para resolver.

Se vocês não conseguem resolver, têm que pedir para sair. É o que precisa ser feito. (Palmas)

Essas pessoas não podem ficar 40 minutos nem mesmo 10 minutos esperando por um ônibus.

Não é justo que as pessoas que constróem esse país, que construíram esse palco, que costuraram a sua roupa, tenham que ficar todos os dias por uma hora esperando o ônibus.

Vocês já ouviram isso milhares de vezes. Vocês que são engenheiros e arquitetos – eu estou terminando arquitetura agora, já fiz sociologia, geografia e pedagogia, não me canso de estudar, porque eu não consigo me conformar como as pessoas entram no Poder, mas não

resolvem as coisas. São coisas simples. Tem alguém ganhando dinheiro com a miséria desse povo. E é a Santa Brígida, sim. Que me desculpe a colega (Palmas). São as empresas que ganham dinheiro com a miséria e a pobreza desse povo que fica doente.

O colega da Vila Surina me falou que não vai parar a Anhanguera. As pessoas param a Anhanguera não é por filho nosso morrer no carro. É porque muita gente já morreu. É por isso que a gente tem que parar a Anhanguera, para as pessoas perceberem que o caso é sério. (Palmas)

Então, quero que vocês se sensibilizem para, a partir de amanhã, o Police Neto e todos os outros Vereadores, não é para esperarem “temos que ter um Deputado Estadual aqui”. Vocês são Vereadores. Têm Deputados Estaduais e Deputados Federais do Partido de vocês. Como que não tem ninguém aqui? Alguém está fazendo o papel errado e não é o povo, desculpe, mas são vocês. Eu tento fazer o meu papel de educador o melhor possível dentro da escola. Eu tentei convencer os meus alunos de virem aqui porque um dos temas que estamos discutindo na geografia é essa falta de transporte. Os alunos chegam lá moídos, destruídos e a gente não consegue estudar. Um país sem educação é um país que não consegue caminhar para frente, então, eu peço mais uma vez que a partir de amanhã vocês não falem eu ouvi de novo. Não. A partir de amanhã vocês vão resolver esse problema, que é o que as pessoas estão pedindo aqui. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Nós temos mais dois inscritos. Quero só fazer uma colocação porque é importante para a gente dar uma resposta ao diálogo da segurança. Quem aqui do CEU é responsável pelo CEU está na nossa reunião. Você tem como checar se na sexta da semana que vem no mesmo horário de hoje a gente pode reunir aquele pessoal que veio aqui tratar sobre a questão de segurança. Porque acho importante a gente sair daqui pelo menos com a data da reunião que a gente vai tratar a questão da segurança se não é capaz de ficar mais tenso durante a semana. Se a gente tem uma perspectiva de diálogo trazendo Polícia Militar, Guarda Civil Metropolitana, os responsáveis

pelo Estado pelo menos a gente aponta o processo de articulação para essa reunião. Deixar sem nenhuma resposta eu acho muito ruim e muito mais perigoso. Se puder contar com a ajuda de vocês para na sexta-feira da semana que vem entre 19h e 20h para início terminando entre 21h e 22h a gente realiza a reunião da Segurança, chama o Conseg, chama todo mundo porque dois assassinatos em dois dias numa região com essa é impossível a gente não dar uma resposta objetiva.

O SR. JOEL – Boa noite. Há alguns pontos que o Salvador falou. Eu senti ele meio querendo desviar o assunto. Quando falou do dinheiro ele falou que o Ministério Público está em cima, tal. A pergunta que eu faço: já foi comprado o terreno? Já foi adquirido? Qual é o processo de desapropriação? Qual o número do processo judicial que foi? Eu gostaria de saber. Agora o segundo ponto. Eu moro lá também no final do Morro (ininteligível) 8022. Fiquei pensando no que você disse. Imagina se ônibus que tem aquela loucura de manhã. Imagina as peruas pequenas. É impossível, isso é inadmissível. Ele não foi lá no final ver como é que é. Porque se trocarem os ônibus e colocarem as peruas, é um inferno. Você precisa ir lá saber e calcular quantas Peruas serão necessárias para fazer essas viagens e você não falou isso.

Com relação à indenização. Eu me senti muito desrespeitado porque acho que você não sabia o que você estava falando. Primeiro você falou que a apresentação seria da área da rádio, aí a Mônica falou que tinham casas para desapropriar e você disse que não tinha. Depois você recuou e disse que vai ser o quarteirão inteiro. O quarteirão tem casas, igrejas, tem tudo, então, não vai ser só o terreno. E sobre o Tribunal de Contas do Município. Você falou que está embargado, não está. Ou o Haddad está mentindo porque ontem na entrevista dele para a Jovem Pan ele falou que está liberado, ele só não colocou porque o mandato dele estava acabando e ele falou que não ia comprometer dois bilhões do orçamento sem saber se ele seria o prefeito. Somente isso que eu queria saber. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Tem a palavra a Sra. Carolina.

A SRA. CAROLINA – Boa noite, pessoal. Sou Carolina, moradora do Sol Nascente

e eu queria falar para a SPTrans diretamente que implante mais ônibus sentido Lapa, que como outra moradora explicou aqui, o horário não é satisfatório para a gente e também que tenha mais ônibus Praça Ramos, porque é um absurdo ter três ônibus no período da manhã e os três ônibus no período da tarde. Então, que tenha mais ônibus Praça Ramos também e tenha mais ônibus de madrugada para o pessoal do Sol Nascente, porque o pessoal vem do centro e tem que descer ali no Km 24 e subir a pé. E é isso, seria isso mesmo, ônibus de madrugada para o pessoal, pois não tem ônibus de madrugada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Obrigado, Carolina. A gente teve dois pedidos de reinscrição, vou pedir para que vocês sejam muito breves, porque a gente tem que gastar um tempo ainda escutando a SPTrans, mas tem a palavra.

Tem a palavra o Sr. Everton dos Santos Barbosa, da Paróquia Nossa Senhora das Graças.

O SR. EVERTON DOS SANTOS BARBOSA - São três perguntas diretas: por que não se coloca ônibus a mais no Sol Nascente, no Sulina e no 22? Por quê? Vocês falam que não conseguem arrumar não sei o quê na Anhanguera, um monte de coisas vocês não conseguem. por que essas três linhas não são atendidas? (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Obrigado, Everton. Tem a palavra o Sr. Anderson Carvalho.

O SR. ANDERSON CARVALHO – Vocês pediram soluções e eu tenho algumas ideias que eu queria sugerir para vocês. Primeiro, eu ouvi o rapaz falando aqui se você pega o ônibus para ir para o outro lado, tem que pagar o pedágio, isso é complicado e não tem como fazer esse trajeto. Então, a possibilidade de colocar ônibus circulares que possam fazer esse trajeto, pode facilitar bastante a vida do pessoal e também esticar um pouco o horário do centro para o bairro para esses bairros como Sulina e outros, porque o último ônibus sai 23h45. Se você estica um pouco ajuda bastante o pessoal que sai da faculdade e tudo mais. Eu, como fazia faculdade até há dois anos atrás eu chegava a uma hora da manhã e esse ônibus não

atendia. Então, o circular para ajudar o pessoal e aumentar o horário dos ônibus. É isso.
(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Salvador, o último que falou foi o Anderson Carvalho. Foi o último que fez a fala e antes dele foi o Everton dos Santos Barbosa, da Paróquia Nossa Senhora das Graças. Quero agradecer a participação dos dois.

O SR. PLÍNIO – Boa noite, meu nome é Plínio, sou aqui do Parque Anhanguera. Fui checar a agenda e essa semana já está bastante comprometida com outros agendamentos. Sexta-feira tem uma atividade da Secretaria de Serviços com o EJA – Educação de Jovens e Adultos – salvo engano, inclusive, da Escola do Monte Belo, onde o Professor Nei dá aula, não é isso? Então, eu gostaria de sugerir, não é tão imediato quanto gostaríamos que fosse, mas no dia 30 de setembro, também uma sexta-feira – e aí eu já assumo a responsabilidade aqui – pode ser?

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Vamos combinar duas coisas, a gente fica com essa data, mas a gente vai tentar um outro espaço, que eu acho que pela urgência da questão da segurança, a gente levar dez, 15 dias para isso pode ser que agravemos ainda mais. então, aceitamos a sua oferta, sem dúvida nenhuma, porque compreendemos a incapacidade, porque a sala está ocupada...

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – É, isso que estou falando, é que o limite para a gente é a sexta da semana que vem,...

NÃO IDENTIFICADO – Nobre Vereador José Police Neto, amanhã o Prof. Nei também estará aqui trazendo seus alunos para assistir a uma peça de teatro. Na atividade que vai acontecer na sexta-feira seguinte, ele está envolvido e também articulando. Eu converso com ele e, em havendo possibilidade de a gente ceder essa data para a reunião, a gente faz isso. Então, amanhã eu já dou resposta.

O SR. JOSÉ POLICE NETO – A gente mantém a sexta-feira da semana que vem,

e vamos fazer todos os esforços para que seja aqui.

Tem a palavra o nobre Vereador Toninho Vespoli, que vai fazer uma proposta de encaminhamento.

O SR. TONINHO VESPOLI – Os senhores falam de pontos, e que tem que haver cobertura. Isso tem que ser detalhado melhor. Eu fico preocupado, para não dar uma resposta evasiva. Nem há o detalhamento dos locais, e há várias propostas foram colocadas. Então, para encaminhar para um bom senso, os senhores fiquem contentes e para a Administração puder encaminhar, porque está havendo esse diálogo, essa relação que está estabelecida, pode-se tirar uma comissão aqui e haver uma relação permanente, como uma reunião a cada 15 dias, para serem detalhadas todas essas propostas.

Há o conselho participativo, de onde algumas pessoas podiam participar, mas eu percebo que há várias outras pessoas que têm afinco ou vontade de participar desse debate. Eu acho que é importante se tirar um grupo aqui, que houvesse um canal permanente com o Executivo, para que a gente pudesse encaminhar as coisas melhores, porque senão como vai ficar assim? Então, coloco essa proposta na mesa.

O SR. JOSÉ POLICE NETO – A gente pretende fechar com alguma proposta de encaminhamento, com resultados práticos, em especial para esse recurso que está disponível. A gente quer aproveitar, no território, todas as falas. Acabo por consolidar essa vontade.

Tem a palavra o Sr. Salvador.

O SR. SALVADOR – Vou passar a palavra para a Sra. Rosilda, para falar sobre a questão da reorganização.

A SRA. ROSILDA – Pessoal, só queria comentar aqui. Pessoas dizem que nós não viemos na rua. A gente divide a Cidade em oito áreas. Essa é a área de operação 1. Então, dentro da minha superintendência, que é de especificação de serviços de linhas, na área 1, há o Sr. Roberto, que está aqui. Ele já veio na região. Com ele, trabalham mais três pessoas, inclusive as Sras. Cláudia e Rose, que vive aqui e que é a técnica dessa região. A área 1 pega

desde a Inajar, toda essa região. Então, essas pessoas, essas duas técnicas são responsáveis por toda essa região, desde Freguesia, Brasilândia, Perus e Anhanguera. A Sra. Rosigleide conhece pedaço por pedaço isso aqui. Então, nossos técnicos (inaudível) na rua e fazem vistoria para tudo. Então, eu sei que o nosso quadro é pequeno, mas não fica sem resposta. Entrou, é feito vistoria.

Quanto à questão dos pontos de ônibus, também há uma equipe pequena, mas não sai nada sem vistoria. A gente tem um represamento (inaudível). A equipe sai para fazer vistoria.

Com relação aos pontos de parada, infelizmente não são todos onde é possível se colocar aquela cobertura. Esse abrigo novo depende de 2,5 metros, pelo menos, de calçada, e tem vidro atrás. Então, se, por acaso, o ponto de ônibus ficar perto de um comércio, e haver 2,5 metros de calçada, é impossível se colocar um abrigo. Então, tem que ser um totem mesmo.

Achei interessante a sugestão aqui do Vereador, porque os senhores podem registrar onde têm problemas nos pontos. Os técnicos vêm fazer a vistoria. Em toda vistoria que é feita, nós fazemos croquis. Esses croquis são encaminhados à SP Obras, que hoje é a empresa responsável pela gestão do contrato de execução de ponte e abrigo. A SPTrans não faz o serviço de ponte e abrigo. Ela demarca o ponto simplesmente. A lei foi votada em 2011, se eu não engano, sobre essa concessão de ponte e abrigo. É uma concessão de 25 anos. A concessionária Ótima é quem faz a manutenção, implanta e executa todos os serviços de ponte e abrigo. A SPTrans é responsável pela demarcação desses pontos, de onde coloca ou não coloca, se coloca abrigo, se coloca ponto, pelo distanciamento entre pontos. Então, é importante que os senhores registrem mesmo onde estão esses pontos, para a gente poder fazer vistoria depois.

- Manifestações fora do microfone.

A SRA. ROSILDA – Pessoal, a nossa responsabilidade é enorme aqui nessa região. Com duas técnicas, a gente não tem condição de passar itinerário por itinerário. Os senhores sabem onde é, anotem; e a gente faz a vistoria. Isso não é problema.

Agora eu queria falar um pouco das linhas. Vou falar do Maria Trindade aqui. Há gente aqui que sabe muito bem, conhece muito bem essa história. A Chácara Maria Trindade é atendida hoje por dois mini ônibus, que trazem as pessoas até aqui. Essa linha tem um pedágio no seu caminho. A SPTrans subsidia essa linha com quase 40 mil reais de pedágio por mês. Nós estamos indo ao Ministério Público há muito tempo, por conta dessa linha; e, por minha solicitação, a Promotora Pública pediu a presença da Artesp e da CCR, que participaram comigo numa reunião. A gente pediu a isenção do pedágio para o transporte coletivo. Até agora a gente não teve resposta disso. Estamos aguardando essa resposta. O problema do Sulina também tem a ver com o pedágio. É o pedágio do rodoanel. Há o pedágio do rodoanel, Se a gente quiser ir e voltar do Sulina, tem que pagar um pedágio, porque tem que passar pelo rodoanel. Não há como. O pedágio não é de responsabilidade do município. Então, tudo isso tem que ser discutido.

O Sol Nascente tem um problema. Como há a rodovia no meio, a rodovia é um segregador dos bairros aqui. Então, não há como transpor de um lado para o outro. Eu não sei como é essa proposta que os senhores têm de linha circular, mas também, nesse mesmo grupo, pode ser discutida como seria essa linha circular para atender. Agora a rodovia não tem transposição. Teria que dar volta. Então, o usuário fica no vai e volta. Então, tem que se imaginar como é que nós vamos fazer isso, porque o próprio Sulina, que a gente tentou fazer uma ligação aqui com o Britânia, é impossível, por conta do outro pedágio. Então, teriam que subsidiar também uma outra linha. É por isso que o Sulina hoje atende até a Lapa. Não há outro jeito de atender ao Sulina. É um bairro totalmente segregado.

- Manifestações fora do microfone.

A SRA. ROSILDA – A rodovia está aí.

- Manifestações fora do microfone.

A SRA. ROSILDA – Acho que a proposta está aberta. Vamos fazer um grupo. Vamos estudar essa linha, como isso pode ser feito, porque o usuário que está dentro do ônibus não gosta de ficar dando voltinha, indo e voltando para o mesmo lugar. Ei sei, porque a gente trabalha com isso. Linha circular tem que dar volta e não ir e voltar pelo mesmo lugar. Então, têm que pensar numa forma de atendimento.

- Manifestações fora do microfone.

A SRA. ROSILDA – A gente já teve uma reunião sobre isso. A gente pode agendar outra. Não há problema. Ela já esteve com a gente. Nós nunca deixamos de receber. Se a gente for acionado, a gente vai receber e fazer reunião. Não há problema algum.

Agora, quanto à questão dos pontos, eu gostaria realmente que os senhores anotassem, para ser feita vistoria. Como eu disse, eu tenho mais de mil pedidos de pontos na Cidade. Então, a gente pode agendar e ver quais são os mais prioritários, para a gente fazer essa vistoria e ver onde que cabe. Quando os senhores forem pedir o abrigo, já verifiquem se há calçada e se é possível se instalar um abrigo. Isso já facilita muito a análise, porque a gente tem que ir aos pontos mesmo e ver o que está acontecendo.

Foi falado sobre a linha 8622. Há um pedido da linha 8622. Da 8014, eu anotei os dados do Sr. Marcelo. Nós vamos rever. Se não me engano, na 8622, houve uma reforma no local.

- Manifestações fora do microfone.

A SRA. ROSILDA – Da subprefeitura, não do SPTrans. Está anotado aqui, para a gente fazer vistoria nos pontos que os senhores relacionaram. Os senhores falaram do ponto Itaberaba. Nós anotamos aqui. Nós vamos fazer vistoria. Então, com relação às linhas, é isso.

Quanto à questão do acréscimo de frota, todos os dados que a gente tem de linhas vêm da catraca. Então, nós temos registro de tudo. Além de a nossa equipe ir para a rua e fazer vistoria, nós temos registro de tudo, porque o bilhete único mapeia cada um dos senhores. Eu não sei o número do seu bilhete, mas ele mapeia a viagem de cada usuário.

Quanto à integração, isso é uma coisa que acontece com a Cidade inteira, porque é impossível todos os bairros terem um ônibus para a região central. É impossível. Então, a integração tem de existir, e o bilhete único existe para isso. Por isso que ele permite a integração, para os senhores se deslocarem.

- Manifestações fora do microfone.

A SRA. ROSILDA – Eu até entendo que os senhores tenham mesmo razão, porque eu acho que há problema mesmo de frota em algumas linhas aqui. O problema é que a gente precisa trocar tecnologia de alguns deles. O que eu falei de reorganização é porque o viário aqui - vou repetir - não é todo que cabe. Alguém falou de asfalto. Realmente, o asfalto aqui não está preparado para receber um ônibus articulado. Não está. Então, ele tem que sair realmente de um terminal. Se não for do terminal Britânia aqui, ou do pontão, como os senhores chamam, está bom. Vamos tentar tratar o viário, pelo menos da 8622. Vamos fazer uma vistoria, ver a questão de manobra dos veículos, ver se eles conseguem manobrar, se conseguem sair ou não do lugar e verificar a questão de abrigo, que os senhores falaram nesses pontos. Não é todo lugar que cabe, mas é vistoria, viu gente. Tem que haver vistoria, e a gente tem que olhar

isso.

- Manifestações fora do microfone.

O SR. JOSÉ POLICE NETO – Deixe-me fazer uma proposta de encaminhamento, que eu acho importante. Eu acho importante a gente não perder o foco em duas questões aqui colocadas. Uma, a gente pode dar garantia a quem esteve aqui, de que aquele valor anunciado, de mais de um milhão e 400 mil reais, será aplicado em demandas aqui trazidas? Porque aí a gente constitui ainda hoje, pelo menos, a fórmula para isso, da comissão que vai junto com a equipe percorrer os pontos a serem instalados, as vias que podem receber um tratamento para se ter fluxo mais adequado para o transporte público coletivo e, portanto, a gente não perde esse recurso que está reservado para esse território. Acho que é fundamental a gente conseguir a garantia do recurso, para depois a gente começar a desenvolver aquilo que a gente vai gastar com ele, que tecnicamente vai ter que ser dada uma resposta. Então, acho que é fundamental. Tem como se garantir o recurso? Dois, eu acabei de receber do Sr. Anderson aqui dois pontos. Se nós conseguirmos a garantia que vamos utilizar esse pouco mais de um milhão e 400 nesse território, a gente tira já a comissão, e, a partir daquele rol, já definido em reunião anterior a essa, com a comissão que sai daqui, e começamos a dialogar com a equipe da SPTrans, e a gente vai para o segundo tempo, que é onde vai se começar a melhorar com o dinheiro que já está reservado. Essa é a questão, porque aí todo mundo sai daqui com uma resposta objetiva. (Palmas)

- Manifestações fora do microfone.

O SR. JOSÉ POLICE NETO – Exatamente isso. Sr. Salvador, é possível a gente assumir esse compromisso com esse recurso já reservado? Portanto, todos saem daqui

sabendo que a gente vai ter investimento de fato, para não melhorar o todo, mas a gente começar a mudar um pouco a lógica do que é Sol Nascente, Sulina, Morro Doce e Itaberaba. Se a gente der essa garantia, todo mundo sai daqui melhorando.

- Manifestações fora do microfone.

A SRA. ROSILDA – Só para terminar, alguém falou aqui também da Alexandre Colares. O que eu disse não é que os ônibus atrapalham. Depois o Sr. Salvador reforçou isso. A CET tem projeto por abrir uma agulha exclusiva para os ônibus, que dependem de aprovação da Artesp e CCR.

Quanto à rodovia, a gente tem um domínio sobre ela aqui, que é da concessão, e o município não consegue mexer. Os pontos de ônibus, que foram tão reclamados aqui da escuridão, é de domínio da CCR. A Prefeitura não pode entrar e mexer num ponto aqui na rodovia. Há uma concessão. Desculpe-me, mas é Governo do Estado. Não adianta falar com a gente. É Governo do Estado.

- Manifestações fora do microfone.

O SR. SALVADOR – É importante a gente aqui fazer algumas colocações, para os senhores poderem entender bem como é que as coisas funcionam, e até para a gente poder chegar na resposta objetiva. O Vereador faz uma pergunta objetiva e o Vereador Toninho Vespoli tem uma proposta. Primeiro, eu queria aqui esclarecer algumas coisas. Quando o Sr. Mário mandou um e-mail para mim e alguém disse que ele não recebeu resposta, não foi isso. Ele recebeu resposta. Eu falei com ele duas ou três vezes por telefone. Ele pode não ter recebido a resposta que desejasse. Pode falar: “O Salvador não me deu a resposta, não disse se vai fazer ou quando vai fazer”, mas, em momento algum, alguém pode dizer que tentou falar

com o Salvador e o Salvador não deu atenção. Ao contrário, todas as pessoas que me procuram, recebem atenção.

Eu procuro falar, procuro conversar e digo, de novo, aquilo que eu falei: quando a gente veio aqui, naquela reunião do dia 6, eu pedi para fazer a reunião porque eu tinha ouvido dizer que o povo não queria que fizesse aquilo que a gente estava imaginando que era bom para o povo. Nós viemos, e o povo falou não, e nós decidimos pelo não. Essa é uma questão.

A outra questão – abordada por alguém aqui, não me lembro do nome, mas vou responder de um modo geral – é sobre eu ter querido enganar, ter mentido, que eu não sabia do que estava falando quando comentei das áreas que tinham que ser desapropriadas na quadra da torre da rádio. Não foi isso. Eu disse que o terreno está declarado de utilidade pública, tem a DUP e é para o quarteirão inteiro. Evidentemente eu não estou falando do desenho, quantos metros são. Quando uma senhora perguntou das casas vizinhas, eu sinceramente interpretei que ela estava falando das casas vizinhas do outro lado da rua, e não haverá desapropriação do outro lado da rua. Mas quando o Vereador perguntou, eu respondi que era da quadra inteira. Então, ninguém tentou enganar ninguém.

Eu sei que vocês estão tensos, nervosos e ansiosos. Entendo a angústia de vocês, mas eu peço que vocês entendam que ninguém veio aqui para enganá-los.

Há algumas questões que eu ainda não respondi e vou tentar ser breve por causa do horário. Uma das pessoas falou, e já tinha feito na reunião anterior, sobre uma pessoa que foi presa por estar dirigindo sem habilitação. Quando alguém - não sei quem - disse que todos os motoristas são cadastrados, falou a verdade. Todos os motoristas são cadastrados e têm que ser cadastrados. Agora, se, de repente, uma empresa ou concessionária que tem suas peruas ou miniônibus coloca um motorista ou auxiliar que não está credenciado, que não tem habilitação, é claro que isso não tem anuência da SPTrans, que não concordamos com isso, mas não temos um fiscal por ônibus para poder vigiar. Quando as pessoas verificarem que aconteceu isso, procurem denunciar para nós ou para um Vereador para ele denunciar para

nós para que possamos punir.

A Rosilda, especialista nisso, falou sobre a reorganização das linhas, da linha circular, para estudarmos para ver se dá para aumentar a quantidade de ônibus ou não, se dá para estender ou não o itinerário. Como eu sou responsável pela área da infraestrutura, nós estamos discutindo os investimentos e o recurso de 1,5 milhão sobre o qual o Vereador Police Neto indagou. Uma das pessoas que indagou sobre isso disse que tinha a publicação que autorizava a obra. É verdade, porque em momento nenhum nós mentimos, enganamos ou falamos algo diferente do que vínhamos falando. Eu disse aqui que nós pedimos autorização antes de participarmos da reunião. Se levantarem o documento, vocês vão ver as datas e poderemos utilizar aquela ata de registro de preço para poder fazer a contratação naquele valor a fim de fazermos esse investimento.

Eu disse para vocês e para o Mario e, porque ele é funcionário da Prefeitura, sabe que eu não posso utilizar recurso de investimento em infraestrutura para poder fazer sinalização. Eu não posso utilizar recursos que não sejam os destinados para fazer a infraestrutura.

Uma das perguntas mais veementes aqui foi por que a qualidade dos abrigos na rodovia é ruim, não tem iluminação, por exemplo. Porque nós não podemos intervir na área da rodovia e nós estamos há muito tempo tentando fazer. Já fomos até o Ministério Público para tentar resolver o problema do congestionamento. Concordamos e apoiamos a ideia de fazer o alargamento reserva de uma faixa para transporte coletivo. Achamos importante e apoiamos a ideia de fazer uma ponte, um viaduto para poder fazer a transposição, mas isso não somos nós que fazemos, é o Governo do Estado, e nós temos que somar forças da comunidade, dos Vereadores, da Prefeitura, para podermos cobrar isso.

Nós temos um problema, Vereador, na questão das paradas, que é o grande problema que estamos discutindo aqui, o que percebemos, para poder falar objetivamente dos investimentos, é o seguinte - como a Rosilda lembrou bem -, em 2011 foi aprovada uma lei

tirando da gente a competência para poder fazer parada, para poder instalar a parada e abrigo. Não somos nós que instalamos, é a Prefeitura. É outro órgão que instala.

Não posso vir aqui e dizer: vocês têm que ir lá reclamar para a outra colocar abrigo. Ficar empurrando com a barriga e dizer não sou eu, é outro. Esse é um problema interno que temos de resolver. Estou dizendo isso porque o recurso que eu tenho não é o recurso que a outra empresa tem. Preciso resolver isso legalmente, resolver isso institucionalmente para poder transferir dinheiro para a outra empresa para que a outra empresa possa fazer. Ou fazer naquele limite daquilo que eu possa fazer.

Então o que estou querendo combinar com vocês, se os dois Vereadores toparem, e acho que topam até pela sugestão e pela conversa que os dois já encaminharam e nós aqui também topamos. Vamos fazer isso, sair daqui concretamente com uma Comissão, que pode ser montada hoje ou outro dia qualquer. Vamos marcar uma frequência de conversas, de reuniões. A Comissão não precisa ir. Podemos vir aqui. Ou podemos combinar uma reunião aqui, outra lá, enfim, do jeito que acharem adequado, para podermos ir com vocês aos locais.

Pelo que vocês disseram e pelo que estou entendendo, há uma demanda de resolver todos os problemas de todas as paradas, de todos os abrigos. Entendo. Mas é óbvio que não há dinheiro para fazer tudo e acho que vocês entendem. Mas pelo que vi também aqui nas reclamações, há uma série delas que são prioridades, a Itaberaba, o Sol Nascente, Rosinha, Km 22, Maria Trindade e outras que podem ser.

Então vamos combinar. Vocês discutem isso aqui e podem marcar a próxima reunião. Se eu não vier virá outra pessoa da nossa equipe, o Ênio, Arquiteto da Área de Projetos; o Édson, da Área de Manutenção.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. _____ - Não tem problema, querida. Estou dizendo que topo. Só imagino que a senhora imagina que eu tenho uma Cidade inteira para cuidar e pode ser que eu não possa vir em todas as reuniões marcadas. Estou dizendo que se eu não puder

virá o pessoal nosso, mas se puder eu venho. E na hora que tiver de marcar lá vou receber. Não tem problema.

E aí vamos discutir ponto a ponto. Vamos elaborar o projeto ponto a ponto, aquilo que podemos fazer, Vereadores, para podermos definir. Ah, aqui dá para fazer a parada; aqui dá para fazer plataforma e tal. Podemos fazer, vamos fazer. O que é abrigo eu não posso fazer. Aí tenho de ir tratar com a outra unidade da Prefeitura, que força de uma lei, aprovada em 2011, é outro que faz.

Então o importante, o fundamental aqui, independentemente de sabermos, ah, eu posso usar todo o recurso? Eu não sei se posso usar todo o recurso. Não sei quais são os benefícios que vocês pretendem ponto a ponto, para poder saber se posso fazer, se posso investir.

Quando chamei o Edson, e alguém falou que ele veio aqui para poder perguntar para mim, não. Não foi ele que me chamou. Fui eu que o chamei exatamente para poder perguntar do espaço orçamentário que tínhamos para poder trabalhar, para ver o que podemos fazer para melhorar essas paradas e, até onde pudermos, os abrigos. Então quando chamei estava discutindo exatamente isso.

Então estamos dispostos. Precisamos correr com isso, para que possamos ver ponto a ponto o que podemos fazer. Por exemplo, vamos ver a parada em Itaberaba, vamos lá e vamos ver o que vocês esperam. Vamos desenvolver o projeto. É possível fazer. Vamos programar para fazer. No limite em que pudermos fazer, o mais rápido possível.

Então estamos assumindo um compromisso com vocês, até o final do ano. E tem um detalhe, estou falando em correr porque temos três meses para terminar o ano, outubro, novembro, dezembro e metade de setembro. O recurso que tenho este ano, não posso usar no ano que vem. Por isso precisamos correr para poder elaborar o máximo possível desses projetinhos, um a um, para ver o que podemos tentar fazer no ano que vem e nós temos a disposição de fazer.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Vamos tirar a comissão agora. Acabamos de ter o compromisso da Secretaria, que vai se reunir conosco pelo menos quinzenalmente, senão a gente não vai conseguir consumir todo esse recurso. E vamos pedir muito esforço da equipe para encontrar as fórmulas financeiras, orçamentárias e materiais, porque vai ter que ir gente para a rua fazer obra que precisa para instalar os abrigos, para melhorar viários. Ficou claro que esse recurso é para investimento em infraestrutura. Portanto, temos que também receber de vocês exatamente quais as finalidades que esse investimento em infraestrutura pode para o nosso território.

Como o objetivo da reunião era tratar de remanejamento de linhas de ônibus, não tem nenhum remanejamento previsto pelo nosso encaminhamento aqui, mas tem, sim, investimentos em planejamento e infraestrutura, além de todo o debate sobre o Terminal de Ônibus Jardim Britânia. Está claro?

O SR. SOUZA SANTOS – Eu não entendi quando você fala do encaminhamento sobre o debate do investimento nos jardins. Está resolvido, não é?

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Perfeito.

O SR. SOUZA SANTOS – A questão da linha.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Deixa eu só colocar uma coisa: é importante dizer que afastamos nesse momento, de maneira absolutamente objetiva, o remanejamento de linhas. Conseguir implantar um banheiro, masculino e feminino, não está afastado, e me parece que isso está dentro da pauta que se quer.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – A Comissão vai nos ajudar a definir a regra que a Secretaria... Agora, temos que saber que tem pouco tempo, que é importante esse recurso ser utilizado dentro desses dois meses e meio, e ninguém vai afastá-lo aqui que é para tirar o desumano, que é não ter um banheiro, não ter um ponto para beber uma água. Isso nós precisamos em qualquer espaço, seja ele um puxadinho ou um puxadão, porque, se tem gente, esse tratamento mínimo tem que ter. Está claro?

O SR. SOUZA SANTOS – Quero que fique claro, para que não haja confusão, porque, me perdoem, mas eu senti que hoje tinha muita confusão. Gente achando que viemos para enganar, para falar desse projeto de novo, e nós não viemos para falar isso. Então para ficar bem claro: essa questão da definição do Terminal está resolvida. Ponto. Ninguém vai fazer

obra no pontão, no puxadinho, no terminal.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. SOUZA SANTOS – Calma. Espere aí.

O Vereador Police está dizendo o seguinte: “Isso não está descartado”. Então isso não está descartado. Precisamos discutir, porque, primeiro, precisamos definir o que queremos, ver onde vamos fazer. Inclusive ouvi uma mulher, que eu não me lembro o nome, dizer: “Olha, nós não podemos construir nada lá porque é o lugar em que param os carros do pessoal que vai ao posto médico”. Para eu poder decidir que eu vou usar um pedaço da área, eu preciso aprovar (Ininteligível) na Artesp, que é a concessionária. Para eu poder decidir, e saber se eu tenho área na rua, que é a área da Prefeitura, que eu não preciso consultar ninguém, eu preciso definir qual é o projeto, e vamos discutir isso nesta comissão.

Quando eu falo do remanejamento de linhas, Vereador, vamos tentar interpretar o que eu digo: quando falamos do terminal, do novo, que vai ter lá na frente, bonito, grandão, que é o que todo mundo quer, claro que vai ter que ter uma reestruturação do sistema de transporte. Quando falamos em remanejamento, agora, nesse instante, no atendimento da pauta da reunião convocada, nós não estamos falando dessa reestruturação, claro que vai ter de ter uma reestruturação do sistema de transporte, estamos falando de estudarmos o circular, se esticará a linha até um determinado ponto, se mudará o itinerário, se dará a volta em mais um ponto. Então, não vamos descartar essa hipótese de discutir isso nesta Comissão, também. Tudo bem? (Pausa)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Pessoal, precisamos tirar a Comissão, para concluirmos. Quero que ela seja tirada com a presença da SPTrans, porque ela valida aqueles que, a partir de hoje, continuarão discutindo com ela. O nosso término era às 22h e já são 22h48min.

Tenho uma pergunta muito simples. Precisamos ter um grupo que consiga acompanhar, *pari passu*, essas assembleias. Quem está disposto a compor esse grupo, que fique de pé, para eu poder reconhecer. (Pausa) Então, peço para que esse grupo venha à frente para que cada um deixe seu nome e telefone de contato, porque é o grupo que estará conosco.

Posso fazer a finalização dos nossos trabalhos enquanto fazemos o preenchimento? (Pausa)

Passarei a palavra ao Sr. Salvador e, depois, farei o encerramento de nossa

reunião.

O SR. SALVADOR – Não tomarei muito tempo de vocês. Só quero agradecer a oportunidade por estar aqui com vocês. Peço permissão para agradecer, em nome do Ênio, Edson e Evanaldo, da Rosilda, do Batata, do Roberto Carlos, de nosso Secretário Jilmar Tatto, do Prefeito, a oportunidade de estar aqui e vamos continuar essa conversa.

Muito obrigado e boa noite a todos.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Agradeço ao Salvador.

Quero acertar uma questão, que é fundamental para sairmos com algo organizado de nossa Comissão. A Comissão fará uma reunião na semana que vem, mas eu precisava de uma data e o local, em até 10 dias.

Agradeço a presença de todos, a paciência. A reunião começou tensa e termina boa.

- Manifestações fora do microfone – inaudível.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Daqui a 14 dias, no mesmo horário. Só verificaremos se será possível a reunião se dar aqui, no CEU. Então, dia 30.

O que estamos definindo? A comissão que saiu daqui vai se reunir. Só vamos definir qual será o espaço. Se o CEU nos acomodar, ótimo. Se não, arrumaremos outro espaço. Mas já está definido que a reunião se dará no dia 30, com a comissão que sair daqui. Um Vereador, da Comissão de Transporte, estará presente e, é claro, eu e o Vereador Toninho também estaremos presentes. E os outros Vereadores que quiserem integrar, não serão afastados, mas ficará claro que o Vereador Toninho e eu estaremos presentes e estendemos o convite aos outros Vereadores.

Dia 30, às 19h, está marcada a próxima reunião, que terá o tema Segurança. Só falta definirmos o espaço. A comissão terá, mais ou menos, 15 pessoas.

Muito obrigado a todos. Encerro dizendo que a participação de todos os senhores foi muito boa.

Boa noite a todos.

Estão encerrados os nossos trabalhos.